



socio  
logias  
plurais

2021 | V. 7, N. 2

Edição especial "30 anos de Problemas de Gênero"

Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal do Paraná

ISSN 2316-9249

**Universidade Federal do Paraná**  
Reitor: Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca  
Vice-Reitoria: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Graciela Bolzón de Muniz

**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**  
Coordenadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Meucci  
Vice-Cordenadora: Prof. Dr. Jaime Santos Júnior

**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
Diretora: Prof. Dr. João Frederico Rickli  
Vice-Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Rodriguez Tavares

**Apoio**  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR  
e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de  
Nível Superior (CAPES)

SOCIOLOGIAS PLURAIS – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR.  
Campus Reitoria, Curitiba, v. 7, n. 2, edição especial 4, mai. 2021. Semestral. ISSN: 2316-9249.

### **Comissão Editorial Executiva**

Ana Carolina de Andrade Ferreira, Eduardo Russo Ramos, Henrique da Costa Valério Quagliato, Mariana Gonçalves Felipe e Talita Cristine Rugeri.

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. André Augusto Michelato Ghizelini (UFES), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar), Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior (UFLA), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina Cravero (UNR), Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran (UFSCar), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gisele Rocha Cortes (UFPB), Prof. Dr. João Feres Júnior (UERJ), Prof. Dr. Joelson Gonçalves de Carvalho (UFSCar), Prof. Dr. Josnei Di Carlo (UFPR/UFSC), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Larissa Maves Pelucio Silva (UNESP), Prof. Dr. Milton Lahuerta (UNESP), Prof. Dr. Nelson Rosário de Souza (UFPR), Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro (UNIFESP), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane Rosa (UFMS), Prof. Dr. Ruy Braga (USP), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Meucci (UFPR), Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de Andrade (UFSCar), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vânia Penha Lopes (Bloomfield College), Prof. Dr. Wanderley Marchi Junior (UFPR), Prof. Me. George Gomes Coutinho (UFF) e Prof<sup>ª</sup>. Ma. Paula Grechinski (UNICENTRO).

### **Diagramação**

Eduardo Russo Ramos

### **Capa**

Comissão Executiva Editorial

### **Arte**

Lúcia Guerra

### **Endereço Sociologias Plurais**

Coordenação Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rua General Carneiro, 460, 9º andar, Ed. D.

Pedro I, Curitiba - PR

[revistas.ufpr.br/sciplr](http://revistas.ufpr.br/sciplr) | [facebook.com/SociologiasPluraisUFPR](https://facebook.com/SociologiasPluraisUFPR)

[sociologiasplurais@gmail.com](mailto:sociologiasplurais@gmail.com) | [@sociologiasplurais](https://twitter.com/sociologiasplurais)

# SUMÁRIO

## **Apresentação**

Marlene Tamanini

3

## **Artigos**

**Dançando com Judith Butler – trinta anos de Problemas de Gênero**

Larissa Pelúcio

8

**Meio Diva, meio Geni: Butler entre nós**

Karla Bessa

18

**Algumas reflexões sobre Butler e a(s) melancolia(s)**

Cassiana Lopes Stephan

37

## **Sobre a Capa**

**Infância Selvagem**

Lúcia Guerra

55

# Apresentação

Marlene Tamanini<sup>1</sup>

Apresentar os textos da edição especial que celebra os 30 anos do livro *Problemas de Gênero* de Judith Butler é um desafio enorme e, provavelmente, não o farei com todos os quesitos que a ocasião exige. Tentarei me aproximar dos textos que as autoras apresentam nesta edição especial com o cuidado que eles merecem, mas sabendo que o mundo que liga precariedade, performatividade e assembleia em forma de alianças *queer* é complexo, carregado de precariedades, e exigente em termos de solidariedade e de epistemes. Assim, devo dizer que quando decidimos celebrar na forma de três eventos os 30 anos do livro *Problemas de Gênero*, queríamos marcar a força de um pensamento que gerou grandes rupturas teóricas e grandes desafios práticos. Para tanto, em conjunto, o Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e a Revista Sociologias Plurais realizaram o **Circuito de Palestras “30 anos de Problemas de Gênero: reverberações da teoria de Judith Butler”**. Os debates foram uma oportunidade de juntar redes de pensamento em pesquisa e de amizade, e marcaram reflexões sobre a importância da obra da autora norte-americana para a articulação epistemológica e política das pensadoras feministas, dos estudos de gênero e da teoria *queer*. Os textos desta edição nos trazem aspectos da reflexão que as convidadas nos trouxeram, debate que se ampliou na ocasião dos eventos pela presença de muitas pessoas e pelo trabalho gentil, delicado e atento das debatedoras.

Nesta edição especial, o texto de Larissa Pelúcio é leve e poético, ao mesmo tempo em que toca sutilmente em problemas tensos, como o são os lugares, os discursos e a *performance*. Este último termo sempre exigiu muitas investidas teóricas para se compreender seu propósito no pensamento de Butler. Muitas vezes, o entendimento de *performance*, assim como a obra de Butler, está mal posto, na forma como as ideias dela são reproduzidas e nos conflitos gerados por este pensamento. Ultimamente, seu

---

<sup>1</sup> Professora no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma universidade. Contato: tamaniniufpr@gmail.com.

pensamento é absurdamente mal utilizado no campo da política, conforme escreve Karla Bessa, em seu texto, também integrante desta edição especial. No contexto acadêmico, o pensamento de Butler frequentemente se tensiona com os que não percebem a sua crítica à construção social dos corpos e dos sexos e que a tomam precipitadamente como construtivista. Também é muito diferente o seu lugar teórico em relação ao estruturalismo. Seus escritos são diversos e os que antecediam a 1990 já davam conta do seu trabalho, tanto com a linguagem e com os argumentos como referentes às necessárias políticas de reconhecimento pós-identitárias, construção esta que ela fazia apropriando-se de análises de dados etnográficos, com o intuito de desmontar a forma como a matriz heterossexual se apresentava em sua díade heterossexual e homossexual. Ao historicizar as categorias binárias de gênero e sexo (sobretudo sexo), Butler redefine o modelo epistêmico da produção de conhecimento. Nos seus primeiros escritos, já se incluía o desejo, a censura, o poder, a sexualidade, a performatividade de gênero, a agência pessoal na reprodução do gênero, o antiessencialismo e a questão da materialidade do corpo, na distinção entre sexo e gênero. Mais tarde, estas questões se tornaram temas centrais no livro *El género en disputa* e no texto *Cuerpos que importan*. Suas ideias abriram o mundo acadêmico para outras e diversas configurações de corpos, desejo, sexualidade; e, seguramente, estas ideias também salvaram a vida de milhares de pessoas, pois a luta *queer* não é apenas uma política cultural e simbólica. É também, conforme lembram Pelúcio e Bessa, em seus artigos, a necessária preocupação com a diversidade de experiências humanas com seu sexo, sexualidade, desejo e corpo, e com as questões materiais que compõem a possibilidade do existir *queer* como humanos. Em seus textos mais recentes, o corpo que é pensado em alianças e na política das ruas, interpela as noções de assembleia como direito a aparecer e a buscar por alianças em torno de direitos, porque o *queer* não fala de identidades, mas de alianças. Estes são aspectos que Butler traz com muita fascinação em seu livro: *Corpos em aliança e a política das ruas – notas para uma teoria performativa de assembleia*.

Dada a potência política dos seus conceitos e da diversidade de pessoas incluídas no seu modo de construir sua teoria, ela confundiu criticamente as categorias sexo e gênero, retirando-as cada qual do seu casulo. Permitiu desconstruir a noção de gênero como se fosse natural e, para tal, assumiu a teoria da performatividade de gênero como potência política *queer*; aspecto tratado nesta edição especial também por Bessa, além

de Pelúcio. Talvez a ideia mais forte para este contexto de rupturas das perspectivas identitárias e da própria diferença, aspectos, que compuseram importantes e diversas lutas feministas dos anos 70 e 80, seja a de que sexo sempre foi gênero; e se sexo é uma categoria gendrificada, não tem sentido construir sexo como natureza fora da cultura e gênero como interpretação cultural. Este é o lugar reflexivo butleriano, que se contrapõe frontalmente com as abordagens estruturalistas, as que já haviam se construído como marcas profundas nos estudos feministas e de gênero. Butler, em um mesmo processo de refazer a teoria, evidencia as organizações sociais de gênero não binárias, mediante a des/teorização da noção de matriz heterossexual, e recoloca sexo e gênero fora das ontologizações e das patologizações. É assim, pensando categorias tão complexas em Butler, que os textos de Pelúcio, de Stephan e de Bessa guardam o seu lugar interseccional, para recuperar a humanidade dos que foram feitos inumanos. No caso específico de Pelúcio, vem na forma de um convite ao “Desfazendo o Gênero”, cenário do evento de mesmo nome, a partir do qual a autora do artigo “Dançando com Judith Butler – trinta anos de *Problemas de Gênero*” intersecciona-se com a sua “rede de inteligibilidade cultural”, palavras de Butler, dentro da qual se naturalizam ou se desnaturalizam corpos, gêneros e desejos. *Problemas de Gênero* ganha destaque no texto de Pelúcio, com sua força conceitual capaz de modificar vidas, de lhes dar sentido, dentre outros pontos. O lugar de Butler, no campo da política de reconhecimento e dos grupos de pesquisa, aparece igualmente com força no texto de Bessa. Já Cassiana L. Stephan guarda um lugar denso, em “Algumas reflexões sobre Butler e a(s) melancolia(s)”, nos brindando com outro olhar a respeito do pensamento de Butler. Este é um olhar que envolve intimidade, não como uma dimensão do interior, já que Butler propõe que as imagens corporais se absorvem desde a superfície. Stephan nos mostra como ser o outro, estar no outro a partir de grandes absolutos que definem quem é o sujeito; não é livre de processos históricos normativos, os quais são com frequência, atribuídos ao poder de Deus, da razão e ou do falo, e que, por sua vez, assim hierarquizados, geram culpa, se não atendidos. Portanto, mostra como se impõe o desafio, na obra de Butler, de se pensar as existências fora das díades, para assim romper com a oposição entre conhecimento racional e a experiência e trazer o potencial do invisibilizado; seguramente, este artigo nos faz pensar fora da busca por absolutos. Sthepan nos mostra como Butler se articula criticamente à psicanálise e como, neste

mover-se, vai além de Foucault. Demarca como Butler assim o faz, na medida em que redimensiona a “problemática ético-política do cuidado de si e da estética da existência”, em busca de visibilizar as desidentificações. Com sua competente artesanias conceitual, Butler nos faz caminhar no modo como a vida psíquica é desafiada pelo caminho da lei que toma a diferença sexual como pressuposto da própria inteligibilidade, o que nos leva, por vezes, para a armadilha de prender-nos no desejo do outro, que em geral, é o campo do mundo masculino ou da norma heterossexual; ou como construção da “diferença entre a melancolia oblativa ou estruturada e a melancolia criativa ou desviante”, com a finalidade de pensar os processos de identificação e desidentificação relativos à heterossexualidade. Stephan nos traz a riqueza da discussão a respeito da melancolia como regulação psíquica do poder que constitui a identidade de gênero e que também determina a relação da subjetividade com as normas. E nos traz a melancolia desviante como possibilidade para o existir fora da patologização. Em seu texto, dá centralidade à necessidade de olhar melhor para a discussão relativa à melancolia como conceito chave para Butler, porque ele permite, em suas palavras, “compreender os jogos entre o governo de si e o governo dos outros, tanto no que tange à esfera social do poder, quanto no que se refere à sua vida psíquica.”. Bessa, quando escreve “Meio Diva, meio Geni: Butler, entre nós”, constrói diferentes cenas das relações com Butler e de como sua teoria, que busca fins democráticos, foi e é, muitas vezes, motivo de apedrejamentos e do exercício de sua expulsão, como o foi, em sua vinda para o Brasil em 2015. Por meio desta relação com a figura metafórica “atira pedra na Geni”, coloca um parâmetro para pensar como ainda é preciso realizar avanços em prol da democracia e dos direitos LGBTI+, depois de 30 anos do emblemático livro *Problemas de Gênero*. A autora se reporta aos tempos de retrocesso de nosso vivido no presente, em relação à esperança construída até uns 10 anos atrás. Fatos, como as “violências de gênero e sexualidade – como feminicídio, assédio, estupro, LGBTQI+fobias –, que poderiam ser coisas do passado”, estão infelizmente muito presentes. Bessa apresenta este contexto de precariedades, com grande pesar e com clareza a respeito das atuais perdas de direito, o que, a seu ver, produz alguns parâmetros para se pensar a respeito das razões que fazem com que o pensamento de Butler incomode tanto. Ela configura estes parâmetros em três pontos: no próprio campo dos estudos de feministas e das ciências humanas, quando enfrentam as dificuldades com a forma com que se produz o conhecimento e se

efetivam “as identidades e relações de gênero e as sexualidades normais e periféricas”; nos movimentos sociais e como se produzem os sujeitos de representação nas políticas e na formulação jurídica; e se atém ao “incômodo dos conservadores religiosos” e dos políticos que estão no poder nas várias instituições brasileiras. Bessa lembra que estas questões também se vinculam às midiáticas, ao uso do Estado, dos templos, como forma de reprodução de domínios de poder/saber e de conservadorismos sociais e culturais que incidem sobre a família, as escolas, as ruas e a vida das pessoas. Seu artigo também tem o grande mérito de fazer um arrazoado histórico sobre as obras de Butler e de colocar em evidência o impacto dos textos traduzidos para o português por editoras e/ou por grupos de pesquisa. Analisa como a teoria de Butler chegou explodindo campos de conhecimento e criando novas conexões e quanto a mesma ainda está por ser lida e entendida. Desde o início dos anos 1990, com a tradução de *Problemas de Gênero*, se fez muita suspeição de verdades, de autores e de obras canônicas nas ciências humanas em geral, mas com desconstruções que também incidiram fortemente na antropologia estrutural, na psicanálise freudiana e na própria genealogia foucaultiana. Este texto de Bessa faz um importante arrazoado das teorias feministas com as quais o pensamento de Butler está em diálogo e em contraposição, e como ele fornece ferramentas muito úteis ao entendimento do lugar desta teoria e do seu potencial de desnaturalização e reconstrução, por meio de parâmetros mais inclusivos. Com estes textos de Bessa, Sthepan e de Pelúcio, pode-se aprender por onde se articula este pensamento butleriano, como ele viaja pelos campos do conhecimento e como as autoras brasileiras dele se apropriaram. O pensamento de Butler é absolutamente necessário à construção da democracia, tanto no que tange ao conhecimento e ao pensamento, quanto relativo as práticas sociais e políticas, quanto ao campo jurídico e acadêmico, como na visibilização da precariedade e das vidas porque todas as vidas importam. As vidas *queer* importam portanto, as políticas de aliança de pós-identitárias estão neste cenário como imperativo ético e político.

# Dançando com Judith Butler – trinta anos de Problemas de Gênero<sup>1</sup>

Larissa Pelúcio<sup>2</sup>

Minha fala está repleta de memória, talvez seja mais afetiva que teórica. Início como quem diz “Meu querido diário...”. Eu não me lembro qual era a música que estava tocando. Sei apenas que eu estava dançando com Judith Butler. Era 2015, e nos movíamos de maneira muito mais leve em relação aos dias de hoje. Ela estava toda de preto. Ela está sempre toda de preto. Veio gingando, assim, desenhando uma coreografia malandra, cheia de bossa. Dois passos depois, já era cabrocha. Eu tive ali mais um problema de gênero com Butler, porque o que eu faria com a minha performance feminina – com a minha saia longa, com a certeza dos meus passos tão seguros dados naquele compasso da heteronormatividade? Eu estava em apuros. Eu tropecei em minha saia, torci o meu corpo, e aí eu performatizei um malandro. Um malandro de saia, de brincão, todo *queer* – e ele dançava com Judith Butler. “Minhas Deusas! Ela dança bem!” – foi o que eu pensei, rindo, assim, por dentro, tirando o meu chapéu de palha e colocando-o em sua cabeça. Estávamos em, mais ou menos, oito pessoas – dançando na sala do apartamento da casa do Leandro Colling, um dos organizadores do *Segundo Seminário Internacional Desfazendo Gênero* que, naquele 2015, aconteceu em Salvador.

O “baile”, hoje, seguirá os protocolos de confinamento,<sup>3</sup> mas pretendo convidar muita gente para dançar comigo nesta fala – gente que, tenho certeza, terá muito mais estofo e competência para falar da obra da Butler que eu mesma. Mas digo aqui, e não vou tentar nem disfarçar minha vaidade, só eu dancei com ela.

Naquele setembro de 2015, Salvador toda parecia bem *queerizada*. O *Desfazendo*

---

<sup>1</sup> Texto decorrente de fala ministrada no dia 25 de novembro de 2020. Esta comunicação e o debate realizado por Karina Veiga (PPGE-UFPR) podem ser acessados na íntegra através do canal do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WusakkBmAa8&t=557s>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais, professora de Antropologia – UNESP – FAAC. Pesquisadora Produtividade 2 – CNPq. Contato: [larissa.pelucio@unesp.br](mailto:larissa.pelucio@unesp.br).

<sup>3</sup> A presente comunicação, como quase todas as atividades acadêmicas do ano de 2020 no Brasil, foi realizada virtualmente por conta das medidas de distanciamento social adotadas pelas universidades como medida de proteção sanitária em meio a pandemia global causada pelo novo coronavírus.

*Gênero II* tinha levado mais de cinco mil pessoas para a cidade, e todos os santos pareciam nos abençoar. Butler era, sem dúvida a grande estrela daquela edição e a razão das mais cobiçadas *selfies*.

Judith Butler já havia visitado o interior de São Paulo. Esteve na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em São José do Rio Preto, onde palestrou por ocasião do *I Congresso Internacional de Literatura e Gênero*. Depois de Salvador ela iria para São Paulo (capital). Na Bahia, ela proferiria uma conferência no teatro Castro Alves. Butler era tão nossa naquele 2015, quando nossos problemas de gêneros pareciam ter alcançado um patamar mais denso de discussão que resultavam em ganhos políticos, sociais, econômicos e culturais.

Naquela noite, em que dançamos juntas,<sup>4</sup> Butler usou por horas o chapéu de palha que eu coloquei em sua cabeça e que lhe serviu de disfarce para à festa oficial do evento, realizada na Residência Universitária Do Corredor Da Vitória, em Salvador. A festa estava lotada. Entramos em bloco, com Butler no meio de nós, um pouco escondida e muito assustada com o assédio constante de fãs que não paravam de gritar seu nome e pedir *selfies*. Naquela noite, ela só queria dançar. Talvez ela só quisesse ser mais Judith e menos Butler.

Butler é imensa! Judith é uma mulher pequena, delicada, tímida. Lembro-me que durante o jantar de acolhimento oferecido em sua homenagem, dias antes de sua palestra de abertura (em 05 de setembro), ela me disse que não esperava o tipo de recepção que teve no Brasil. Comentou com uma modéstia sincera que não entendia O porquê de as pessoas tratarem como se ela fosse uma espécie de *pop-star*. Ela me perguntou por que aquilo tudo, e eu respondi: “porque você é nossa diva *queer*!”. Ela riu sem fazer barulho nenhum e insistiu na indagação. Eu lhe disse: “porque suas ideias salvaram vidas”. Ela passou um tempo digerindo aquela informação. Tinha um olhar um pouco surpreso. Talvez ela tenha acreditado em mim quando viu o teatro Castro Alves, que tem uma capacidade para 1.554 pessoas, lotado naquela manhã setembro. Treze anos após a publicação da versão brasileira de *Gender Trouble*; vinte e cinco anos após a versão

---

<sup>4</sup> Confesso, não fui sua *partner* exclusiva, nesse baile improvisado estavam também Juana María Rodríguez (Universidade da Califórnia, Berkeley), Leandro Colling, (UFBA), Milena Brito (UFBA), Ricardo Batista (UFBA).

original, Butler falava a um público que viu no *queer* um escudo para os corpos dissidentes.

Essa imagem não é minha. A encontrei em uma *live* da qual participei esta semana. Encontrei nela uma definição forte. Eu havia ouvido há alguns anos um relato parecido, expresso por um homem trans em uma oficina sobre teoria *queer* oferecida por Leandro Colling e Richard Misckolci, em 2010, no contexto do *Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual* (ENUDES) que, naquele ano, aconteceu em Campinas, no interior de São Paulo. Quase no fim da oficina, alguém questionou a potência política da teoria *queer* por conta de seu caráter não-identitário. Então esse rapaz a quem acabo de me referir pediu a palavra, se levantou e disse que o livro de Berenice Bento, *A reinvenção do corpo*, tinha salvo sua vida. A própria Berenice me disse certa vez: “que impressionante a força da teoria” – isso veio de uma autora que também apresentou Butler ao Brasil a partir de sua tese de doutorado, dos eventos que organizou, dos artigos que publicou, etc. Pensei então que, de alguma forma, Butler também havia salvo aquele rapaz.

O próprio Leandro Colling diz que, para ele, *Problemas de Gênero* tem um efeito profundamente teórico, mas subjetivo também – como no caso do escudo e a capacidade de salvar vidas que citei há pouco. Cito o próprio Leandro, quem fez a gentileza de me responder por meio do *WhatsApp*:

Olha, são poucos os livros que geram isso nos seus leitores. Foi através desses estudos que eu mudei de área e que também mudou a minha vida acadêmica, profissional e, principalmente, minha compreensão sobre gênero e sexualidade. Depois de anos de estudos motivados em boa medida por esse livro, meu olhar sobre gênero e sexualidades se transformou profundamente, o que me fez com que questionasse as normas que eu mesmo reproduzia. Inclusive nas minhas relações afetivo-sexuais.

Tiago Duque (Universidade Federal do Mato Grosso), também reportou sua experiência para mim. Me disse que, em 2003, ele estava no começo de sua militância no Grupo Identidade – um grupo misto de gays, lésbicas, travestis e pessoas trans – quando conheceu a obra de Butler. Me contou dessa força avassaladora da teoria da performatividade para suas reflexões. A voz dele se soma as de muitas outras pessoas que também viveram esse mesmo impacto. Tiago, assim como eu, teve a oportunidade

de aprofundar os estudos dele com o Richard Miskolci (Universidade Federal de São Paulo). Ele no mestrado e eu no doutorado e, depois, juntos no grupo de pesquisa organizado pelo Richard. Cito um depoimento de Tiago:

Olha, eu tenho esse livro desde 2003. Ele é todo pintado de várias cores, porque além de eu dar aula com ele, vira e mexe quando eu vou pensar a ideia de performance eu retomo o livro. Para mim, foi, obviamente, tudo aquilo que estruturou toda a compreensão do que eu estava interessado em discutir no mestrado, que era a experiência de travestis na adolescência – a coisa da montagem, da desmontagem. Mas também impactou a própria percepção de gênero de mim, da minha pessoa. Também impactou uma certa noção de como eu também estava me agenciando em diferentes contextos. Eu acho que ainda impacta e que a discussão da Butler ainda não foi superada. Claro, tem a discussão das transfeministas, a discussão decolonial. Tudo isso ajuda a gente a ter um olhar crítico para a produção da Butler. Mas eu ainda acho complicado abrir mão dela. *Problemas de Gênero* continua sendo um marco decisivo pra nós, ainda que a questão da raça, da nacionalidade, da própria crítica que o Preciado faz, mereçam outros diálogos – inclusive diálogos mais latinos, mais nacionais. Para mim, isso não tira a legitimidade da Butler e de tudo que ela nos traz em *Problemas de Gênero*. A própria obra dela que, em livros mais recentes, por exemplo, quando ela vai falar da Assembleia das Ruas, ela volta na performance de gênero. Inclusive, agora, parece mais fácil que a gente entenda tudo isso.

Em *Corpos em Aliança*, livro mencionado por Tiago, Butler nos lembra que o termo *queer* não designa uma identidade, mas um conjunto de alianças difíceis e previsíveis na luta por justiça social, política e econômica. Foram as alianças que fortaleceram a busca por direitos, promoveram vidas mais habitáveis, denunciaram o feminicídios, os genocídios baseados em raça e etnia e nos ajudaram a sustentar uma democracia sempre frágil – uma democracia sexual que mal chegou a se estabelecer. Segundo o sociólogo francês Éric Fassin, que escreveu o prefácio para o *Problemas de Gênero* em sua edição francesa, publicada em 2005. Então, segundo Fassin, a democracia sexual reflete os efeitos políticos que resultam dos movimentos sociais pelo direito à livre expressão da sexualidade – que ganham força a partir da epidemia da AIDS. Nós, ainda hoje, buscamos a igualdade de direitos, considerando gênero e sexualidade como operadores de desigualdades. Ou seja, não haverá democracia se não houver reconhecimento dos direitos sexuais, raciais e de gênero daqueles e daquelas que têm sido historicamente alijados do campo dos direitos nessas sociedades de matriz ocidental.

Em uma conferência concedida no evento *Campanha antigênero, populismo e neoliberalismo*, realizado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro no contexto da *Rede Fluminense de Núcleos de Estudos de Gênero, Sexualidade e Feminismos nas Ciências Sociais* (REDEGEN),<sup>5</sup> Fassin lembrou da controvérsia intelectual protagonizada por Nancy Fraser e Judith Butler<sup>6</sup> a respeito da tensão entre políticas de reconhecimento e políticas redistributivas. Butler insiste que a política *queer* não é apenas uma política cultural e simbólica, mas que também toca em questões materiais como, por exemplo, é o caso das questões patrimoniais envolvidas na demanda pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Fassin identifica que, no atual contexto neoliberal, o inverso é igualmente verdadeiro: as lutas de classe nunca são meramente econômicas. Butler, nesse sentido, nos auxiliou a entender as questões do reconhecimento e da abjeção que existem como plano de fundo nos debates promovidos pela autora. O primeiro tema é primordial para Butler. As lutas por reconhecimento são também lutas de classe. Essa afirmação se torna mais clara quando compreendemos a violência que a abjeção autoriza – resultado de uma intersecção feroz entre corpo, gênero, sexualidade, raça e classe.

Dessa forma, a abjeção é politicamente punida, simbolicamente sustentada, economicamente constrangida e juridicamente penalizada. Nesse sentido, se torna importante desnaturalizar o sexo pré-discursivo, trazendo-o para o campo da linguagem e da cultura. Butler transporta a questão para o campo político e isso trouxe resultados efetivos para nós aqui no Brasil. O biológico deixa de ser natureza neutra para se tornar um terreno político onde se chocam tanto movimentos sociais quanto o Estado, passando por instituições disciplinares como a família e a escola que agora irão disputar narrativas sobre direitos humanos. Vemos isso acontecer nesse momento. Os impactos da obra de Butler foram imensos e se estenderam para muito além do pensamento acadêmico.

Dito isso, me parece que os perseguidores e as perseguidoras de Butler que, em

---

<sup>5</sup> Em 23/11/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=igxhwjHrUbA&t=3134s>>. Acesso em: 19/01/2021.

<sup>6</sup> O debate entre as autoras, embora que envolva o escopo maior de suas obras, pode ser acompanhado através da resposta proposta por Fraser, em *Heterossexismo, falso reconhecimento e capitalismo: uma resposta a Judith Butler* (2017), ao artigo intitulado *Meramente cultural*, publicado por Butler na revista *Social Text* em 1997.

2017, queimaram uma esfinge da autora em uma espécie de ato medieval, mostraram que eles entenderam bem as forças disruptivas de *Problemas de Gênero* – ainda que, assim acredito, a maior parte daquelas pessoas não tenha lido ou se proposto a se debruçar sobre questões presentes no livro. Quando me refiro a isso, digo que, na verdade, eles entenderam que alguma coisa estava se movendo fortemente e desestabilizando estruturas disciplinares de controle, de vigilância sobre corpos e sexualidades. Algo que estava adentrando na esfera da intimidade, que antes parecia inalcançável. Algo que buliu com as subjetividades que, até então, pareciam estar comodamente constrangidas nos binários excludentes e violentos.

Butler, escreveu Karla Bessa (PAGU-Unicamp): “insistiu em convulsionar tradições epistemológicas e políticas, redefinindo noções como agência, sexualidade, desejo, sexo e gênero”.<sup>7</sup> E, quando nós deixamos nos perturbar pelo pensamento da autora, que “é tão incômodo quanto rejuvenescedor”, nas palavras da Karla Bessa, entendemos que gênero é um projeto sempre inconcluso. Por isso a proposição butleriana incomoda. Também por isso não seria possível fechar a categoria mulher. Não era interessante fazê-lo justamente quando as trans se agregavam, se faziam visíveis, audíveis nos espaços de luta e mobilização – e, atualmente, dentro da academia também. Quando homens femininos e bichas femininas denunciaram a misoginia de alguns gays, inclusive dentro do movimento social, nas universidades, nos núcleos de pesquisa. Nós começávamos a perceber que era preciso realizar uma discussão – toda ela de forma radical.

Patrícia Porchat, psicanalista e minha colega, ela também professora da UNESP, defendeu sua tese de doutorado em 2007, sob o título *Gênero, Psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política*. Porchat conta que, durante sua na banca de qualificação, desencantou-se com as propostas teóricas apresentadas a ela: “Poxa! Mas não é isso. Não é por aí que eu quero ir”. Então, comentando sua decepção com uma amiga argentina, também psicanalista e que já conhecia a Butler, Patrícia foi apresentada a *Problemas de Gênero*. Porchart diz que a leitura mudou radicalmente toda sua abordagem: “Com a Butler, abriu-se uma espécie de... a Butler abriu uma porta para as relações entre

---

<sup>7</sup> BESSA, Karla Adriana M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. *Estudos Feministas*, v. 6, n. 1, p. 34-45, 1998.

feminismo e psicanálise e daí eu cheguei nas transexualidades. Então, o *Problemas de Gênero*, para mim, teve esse efeito de portal, que fez várias aberturas para outros campos.”.

Em 2003, Butler ainda não era muito conhecida no Brasil. Eu mesma li primeiro *Corpos que Importam* numa brochura xerocada. Eu até escrevi certa vez sobre como recebi o texto das mãos de Richard Miskolci e, então, me apaixonei – e, como é o caso de toda paixão, foi hiperbólica: adorei, odiei, devorei, vomitei, não dormi!

Depois, fui me familiarizando com todo um novo léxico, um conjunto complexo de ideias torcidas e, por isso mesmo, bastante desestabilizadoras. Mas elas, como diz Guacira Lopes Louro, me levaram a pensar para além dos limites do pensável. *Problemas de Gênero* é, sem dúvida, uma leitura muito densa. Mas, como admite a própria Butler, nas primeiras linhas do prefácio de *Problemas de Gênero*: “criar problemas é inevitável”.

Criar problemas era precisamente o que nos ensinaram que não deveríamos fazer. Mas Butler percebeu que problemas são inevitáveis e essa fatalidade, se não pode ser evitada, talvez possa ser modulada. Butler parecia nos dar a incumbência de descobrir a melhor maneira de criar problemas e a melhor maneira de tê-los. Assim, *Problemas de Gênero* tumultuou o campo dos estudos de gênero e sexualidade de uma maneira tão profunda, tão influente e desestabilizadora, que abalou nossas certezas e incertezas teóricas – sobretudo àquelas relativas à perspectiva construcionista de gênero, lugar até então intocável, onde figurava Simone de Beauvoir como grande desnaturalizadora do conceito de gênero. Como propõe João Manuel de Oliveira (Universidade do Porto),<sup>8</sup> nada escapou à verve crítica dos escritos sempre densos desafiantes dessa judia que chegou a ser acusada de antissemitismo.

Como um livro tão difícil pôde abrir tantos portais? Para Sara York, que gosta de se apresentar como professora travesti, como uma travesti *na* e *da* educação, o que nos provoca são as mais de 400 perguntas que o livro coloca:

São perguntas que nascem de uma possibilidade de narrativa que todos nós fazemos. O questionamento desse *status* universal do patriarcado e o modo como meu corpo vai ser lido diante dele. Eu acho que pensar com algumas instâncias nesse texto... A Butler cita Nietzsche e eu, como uma pessoa que não

<sup>8</sup> DE OLIVEIRA, João Manuel. Tumultos de género: os efeitos de Gender trouble em Portugal. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 3, p. 6-18, 2015.

me rendo a deuses, fiquei muito instigada com a urgência de se fazer uma genealogia da moral. E tem mais, a Butler ajuda a parte do desejo a pensar no meu corpo violado, no meu corpo de travesti, de mulher trans, das violências que eu sofri na infância, na adolescência, sendo violentada por esses cis-hetero-normativo-sistema que permite aos homens o exercício de suas potências, mas não permite às mulheres o exercício pleno das suas possibilidades (Depoimento feito por meio do WhatsApp).

A feminista histórica Heloísa Buarque de Holanda, dadivosamente, também conversou comigo para que eu pudesse trazer seu relato. Ela conheceu *Problemas de Gênero* em 1990. Ela diz:

Olha, foi em cima do lance. Pra mim foi uma bomba. Eu li, reli, achei que tinha descoberto tudo sobre gênero e virou por muito tempo o meu livro de cabeceira, saí usando e abusando das ideias de performance e o resto todo. Hoje eu não sei mais. Eu descobri o Brasil e aqui me parece que talvez a Butler não caiba tão folgado. Ela incomoda mais, aperta um pouco na cintura, fica curta na canela.

Heloísa Buarque de Holanda disse estar rendida ao decolonial. Mas, mesmo com todos esses ajustes, complementos e arranhados, Butler ainda é enorme porque é uma pensadora sensível e, como diria Porchat, muito livre e com muito respeito pelo ser humano. Ou, nas palavras da Carla Rodrigues (UERJ):<sup>9</sup>

Butler nos oferece argumentos para nos colocarmos na defesa de uma democracia radical como instrumento de enfrentamento da violência de Estado, maior e mais aguda contra a gêneros não inteligíveis na ordem normativa. A principal tarefa de uma democracia radical hoje seria enfrentar, confrontar, questionar, interrogar, fazer oposição à violência de Estado – esta que se justifica em função da defesa dos territórios, lucra com essa atividade e se fundamenta na força da exploração da precariedade dos corpos (2019, p. 59).

Carla Rodrigues situa essa discussão após o atentado de 11 de setembro. Isso, na minha leitura, insere o debate numa chave anti-colonialista, na qual a raça tem peso, literalmente, vital. Volto a citá-la: “Com Butler, eu pretendo argumentar que só haverá democracia radical quando e se qualquer corpo, independente da sua marcação de gênero, raça, classe, etnia ou religião, não estiver desigualmente exposto à violência estatal” (idem, ibidem). Acrescento, pensando junto de Butler, em *Vidas Precárias*, que

---

<sup>9</sup> RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. **Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência**, Rio de Janeiro, n. 5, 2019.

esse objetivo será alcançado quando esses corpos passarem a ser protegidos pelo Estado de ataques que são perpetrados na eloquência dos silêncios que eliminam a possibilidade da existência, de vidas habitáveis, já que essas normas são tão naturalizadas e esses corpos tão invisibilizados por regulamentos morais que estabelecem ideias do humano que fazem diferença entre aqueles que são mais e aqueles que são menos humanos.

Estou citando a Butler em *Vidas Precárias*:<sup>10</sup>

Muitas vezes esses esquemas normativos funcionam precisamente sem fornecer nenhuma imagem, nenhum nome, nenhuma narrativa, de forma que, ali, nunca houve morte, tampouco houve vida. Essas são duas formas distintas de poder normativo. Uma opera produzindo uma identificação simbólica do rosto do inumano por meio da forclusão de nossa apreensão do humano na cena, a outra funciona por meio de um apagamento radical, como se nunca houvesse existido um humano, nunca houvesse existido uma vida ali e, portanto, nunca tivesse acontecido nenhum homicídio. No primeiro caso, algo que já emergiu do domínio da aparência precisa ser disputado como reconhecimento humano. No segundo, o domínio público da aparência é ele mesmo constituído com base na exclusão daquela imagem (BUTLER, 2011, p. 28).

Me parece ficar claro como se constrói a abjeção quando Butler, nesse trecho, fala sobre a desumanização de afegãos, de afegãs, de iraquianos e iraquianas, de populações árabes a partir da ideia de que uma força pura, branca e civilizacional tem sido acionada para justificar uma guerra que não tem outra motivação se não a de estender as fronteiras do ego narcísico dos que assumem o rosto, o poder para matar. Eu leio *Vidas Precárias* e é o Brasil que eu vejo. Devoro esses corpos teóricos para pensar com e a partir da Butler, como as tantas pessoas que dialogaram e dançaram comigo na construção dessa fala, a fim de refletir sobre o presente. Continuo aprendendo com Butler, acreditando na força da não-violência, que, aliás é título de seu último livro, publicado em fevereiro de 2020.

Sambando junto com ela na cara de uma parte da sociedade, que teima em não reconhecer as violências que precarizam tantas vidas e, ao não reconhecer a humanidade no aporte dos outros, atinge a si mesma.

Encerro agradecendo a Richard Miskolci, por ter me apresentado a obra da autora e ter me ajudado a dialogar com ela. Dedico essa fala e meu afeto à querida

---

<sup>10</sup> BUTLER, Judith. Vida precária. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13, 2011.

Guacira Lopes Louro, uma educadora dadivosa, transgressiva, que nos brindou em 1999 com uma das primeiras traduções de Butler no Brasil – *Corpos que pesam - sobre os limites discursivos do sexo*, presente em *O Corpo Educado*.<sup>11</sup> Muito obrigada por me escutarem.

## Referências

BESSA, Karla Adriana M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. **Estudos Feministas**, v. 6, n. 1, p. 34-45, 1998.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13, 2011.

BUTLER, J. Merely Cultural. **Social Text**, vol. 15, n. 3-4, p. 265-277, 1997.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DE OLIVEIRA, João Manuel. Tumultos de gênero: os efeitos de Gender trouble em Portugal. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 3, p. 6-18, 2015.

FRASER, N. Heterossexismo, falso reconhecimento e capitalismo: uma resposta a Judith Butler. **Ideias**, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 277-294, 2017.

RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. **Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência**, Rio de Janeiro, n. 5, 2019.

---

<sup>11</sup> BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

## Meio Diva, meio Geni: Butler entre nós<sup>1</sup>

Karla Bessa<sup>2</sup>

O título da minha fala de hoje – “Meio diva, meio Geni: Butler entre nós” – ecoa o sucesso que Butler fez em sua primeira visita ao Brasil, em 2015, quando foi recebida como uma *diva queer*, por uma audiência de leitores oriundos de diferentes campos do conhecimento e outros que a leram como inspiração para sua própria vida ou ativismo. Geni, como uma clara referência à personagem travesti marginalizada da letra/música de Chico Buarque,<sup>3</sup> pois Butler sofreu um apedrejamento simbólico, além de atentados físicos contra sua pessoa,<sup>4</sup> por parte de uma direita (herdeira do conservadorismo e dispositivos autoritários da Ditadura) raivosa que viu na autora a representação de uma figura devassa, que propaga ideias perigosas e corruptoras da juventude, a partir de sua noção performativa do gênero e da sexualidade. Essa imagem ambígua de Butler, meio diva, meio Geni, pareceu-me ser um bom início para nossa conversa. Hoje, quando celebramos os 30 anos de *Gender Trouble* (Problemas de Gênero) poderíamos estar distantes do contexto político que o motivou, ou seja, a presença de dispositivos relacionais e institucionais que regulam as dinâmicas de gênero e sexualidade a partir de uma heterossexualidade compulsória e do binarismo do gênero que demarcam, a partir dos mais diferentes modos de violência e anulação das diferenças, de modo global e colonialista as instituições e práticas que normatizam/regulam nossos corpos e vidas.

---

<sup>1</sup> Texto decorrente de fala ministrada no dia quatro de dezembro de 2020. Esta comunicação e o debate realizado por Priscila Vieira (DEHIS-UFPR) podem ser acessados na íntegra através do canal do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HSceqAkSWyM&t=388s>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

<sup>2</sup> Pesquisadora Nível C no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, é professora plena dos Programas de Pós-graduação em Multimeios, Instituto de Artes e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>3</sup> BUARQUE, Chico. Geni e o Zeppelin. In: Opera do Malandro, 1978 (album musical) há ainda a peça teatral homônima, também escrita em 1978.

<sup>4</sup> Dentre as várias reportagens sobre os atentados (de 2015 e de 2017), deixo aqui uma que sintetiza bem as forças que se contrapuseram na recepção de Butler no Brasil: *Não é o fim da história', diz filósofa sobre ensino de gênero nas escolas*. Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/nao-e-o-fim-da-historia-diz-filosofa-sobre-ensino-de-genero-nas-escolas.html>>. Acesso em 10 de Maio de 2021.

Idealmente, eu desejaria que estivéssemos numa outra configuração, na qual o que os discursos disciplinantes e coercitivos denominam de dissidência e/ou transgressão em relação à sexualidade e gênero fossem apenas uma variação histórica e plural dentro de entendimento de que somos muitos e variados seres vivos existentes, que nos reconhecemos como diferentes, porém equivalentes no que toca à cidadania, aos direitos humanos, civis e políticos. Mais do que uma equidade formal (que garanta relações respeitadas), o meu desejo era de que a gente pudesse hoje celebrar a acolhida de corpos, desejos, subjetividades que expressam territorialidades já conhecidas e outras ainda *por-uir*; ou seja, que tivéssemos finalmente compreendido aquilo que o texto de Butler tanto nos convoca, ou seja, que haverá sempre uma diferença a nos fazer suspeitar das nossas racionalidades e convenções do que seja humano, sexual, homem, mulher, corpo e matéria, e estivéssemos abertos para os *arranjos* que se pode fazer no plano do desejo, do prazer, do erotismo, para além das restrições religiosas, jurídicas, familiares e ou discriminações científicas baseadas em supostos universais, como se houvesse uma fatalidade a nos impingir o significado da vida. Não que os corpos e subjetividades não escapem das normas, mas é que ao se colocarem no modo dissonante/dissidente, enfrentam a fúria social do desrespeito, da precarização de suas existências.

As reflexões de *Gender trouble* nos instigam a exercermos nossa imaginação político-utópica de uma vida social não violenta e que não subjuga as diferenças para transformá-las em princípios de semelhanças e identidades reconhecidas como únicas e portadoras de uma verdade inquestionável. O problema de gênero não é o caráter performativo do gênero, mas o modo violento como dinâmicas e estruturas sociais tentam dizimar qualquer alteridade que emerja na processualidade na qual engendramos nossos corpos-subjetividades no espaço/tempo social, desestabilizando relações e formas já instituídas de nos reconhecermos enquanto sujeitos e indivíduos dignos de existência plena. Os corpos e desejos em desacordo com restrições e normas possuem essa capacidade de desnaturalizar nossa percepção não só do “outro”, mas da vida em si mesma, por isso mesmo o “problema de gênero” nos conduz a formularmos uma bioética.

Infelizmente a história não é linear e nem evolutiva como gostaríamos e o que vivemos hoje é um momento de grande retrocesso em relação ao que vivíamos há, pelo

menos, uma década em termos sociais e de conquistas de direitos sexuais e reprodutivos. Vemos agora o aumento das estatísticas de violências de gênero e sexualidade – como feminicídio, assédio, estupro, LGBTQI+fobias – em parte, como decorrência dos discursos de ódio e da apologia às armas como solução para os conflitos cotidianos. Assistimos estarecidos, e por vezes nos sentimos impotentes, porque pouco se consegue fazer em algumas circunstâncias diante de todas essas violências.<sup>5</sup> Basta uma rápida entrada no site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) para nós apercebemos de que o momento requer nossa atenção e ação.

Em janeiro deste ano, mês da visibilidade trans, a ANTRA lançou um dossiê dos assassinatos e da violência contra pessoas trans brasileiras, referente ao ano de 2019. Nesse dossiê, chama a atenção o fato de o Brasil continuar a ser o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. O país passou de 55º lugar de 2018 a 78º lugar em 2019 no ranking de países mais seguros para a população LGBTQI+. Ou seja, no Brasil essas pessoas enfrentam cotidianamente o desprezo, a injúria, a rejeição e, nos termos tratados por Butler, em *Problemas de Gênero*, a abjeção – traduzida em conduta de alto grau de violência psíquica e física de desqualificação de sua condição humana.

A política de gênero oficialmente em curso na gestão bolsonarista das políticas públicas pode ser resumida como sendo uma incitação a fazer da abjeção uma norma não apenas naturalizada, como institucionalizada, apesar das (poucas) negociações e pressões jurídicas quanto aos seus abusos, visto que a criminalização pune os atos, ao menos aqueles denunciados e que deixaram marcas e registros. Porém, como sabemos, os pune individualmente (como exceção e não como sendo uma regra instituída

---

<sup>5</sup> O próprio governo admite o aumento, mas opta por políticas públicas que visam atacar a violência de gênero pregando harmonia (conto de fadas), nas palavras da ministra: “sociedade de fraternidade e uma nação de respeito mútuo” Enquanto diz que vai atacar o problema, desmonta as estruturas de estudos e apoios que foram montadas ao longo de décadas e que ajudavam a monitorar o problema e a encontrar soluções. Uma leitura dos Dossiês publicados pelo IPEA, pelo Instituto Patrícia Galvão, pelo observatório das Mulheres contra a violência do Senado, ajudam a dimensionar o tamanho do problema que coloca o país em 5º lugar no ranking dos países que cometem mais homicídios contra mulheres. Nessa nota me refiro à notícia *Balanco anual: Ligue 180 registra 1,3 milhão de ligações em 2019*, Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/balanco-anual-ligue-180-registra-1-3-milhao-de-ligacoes-em-2019>>. Acesso em 10 de maio de 2021. Também me refiro à matéria *Por que as taxas brasileiras são tão alarmantes?* Publicada pelo site da Agência Patrícia Galvão. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/#brasil-e-o-5o-no-ranking-de-homicidios-de-mulheres>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

perversamente nas entranhas das instituições públicas como hospitais, escolas, famílias, e nos próprios atos públicos dos ministérios (em especial, da Mulher, Família e Direitos Humanos e o da Educação<sup>6</sup>). “A banalidade do mal”, expressão que foi formulada por Hannah Arendt em relação a contextos de extremo extermínio promovido pelo nazismo, pode, com a cautela necessária, ser pensada como ativa no contexto brasileiro. Isso porque a banalização da violência se faz na abjeção da alteridade, na negação daquilo que nos difere, no próprio ato de diferir, conformando uma sensibilidade política autoritária e violenta.<sup>7</sup> O pior de termos a abjeção como política é o fato de que isso faz com que uma nação se apoie em políticas públicas nefastas, em nome daquilo que consideram ser a sagrada família, o corpo natural biológico, a sexualidade verdadeira – leia-se heterossexual – e os gêneros masculino e feminino, configurados no protótipo binário homem *versus* mulher – no singular – a partir de uma ontologia universal.

Nesse contexto, um texto como *Problemas de Gênero* ressoa como uma bomba destruidora. Por que o pensamento Butleriano – deixemos claro que ela não estava sozinha quando o formulou – incomodou e incomoda tanto? Arriscarei aqui algumas suposições em três campos distintos. O primeiro deles no próprio campo de estudos de

---

<sup>6</sup> Chamo atenção para todos os projetos voltados para o “fortalecimento da família”. A título de exemplo, há o recente *Projeto-Piloto Famílias Fortes* que “consiste em uma metodologia de sete encontros semanais voltados para famílias com filhos entre 10 e 14 anos. O objetivo é promover o bem-estar dos integrantes da família com o fortalecimento dos processos de proteção e construção de resiliência familiar e a redução dos riscos relacionados a comportamentos problemáticos”. Por todas as ações deste ministério, podemos supor que impor uma norma heteropatriarcal e uma noção nuclear e conservadora de família é a espinha dorsal do projeto, frontalmente um rechaço às existências que desafiam as normas hegemônicas de gênero. As informações podem ser encontradas na notícia *Itapoá (SC) assina acordo para adesão ao programa Famílias Fortes* publicada no site do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/itapoa-sc-assina-acordo-para-adesao-ao-programa-familias-fortes>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

<sup>7</sup> Faço um importante parêntese para ressaltar que essa tendência autoritária e desqualificadora das alteridades dissidentes perpassa as práticas de religiosos, profissionais da saúde (médicos em especial), profissionais da segurança e do judiciário há muitos anos e existe uma extensa bibliografia que a analisa. No entanto, paralelamente, há também uma crescente produção de material audiovisual que a denuncia. A título de exemplo, indico o documentário etnográfico de Debora Diniz, que expõe a intrincada microfísica deste poder de deixar morrer (ou de induzir à morte) pessoas vulneráveis devido a uma conjunção de fatores nas quais gênero, classe e a racialização dos corpos são protagonistas. No caso em tela, a correlação entre estupro/aborto de mulheres negras, sem acesso à moradia, educação, emprego, enfim, que vivem nos grupos mais marginalizados e precarizados do país. O título do documentário é *À Margem do Corpo* (2006). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4PoxtwM8nik>>. Acesso em 18 de março de 2020. Indico ainda o filme *Temporada de Caça* (1988), de Rita Moreira (1988), Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x2499gx>>. Acesso 10 de maio de 2021.

feministas e das ciências humanas, em relação ao entendimento a produção de conhecimento a respeito de como se produz e efetiva as identidades e relações de gênero, e as sexualidades normais e periféricas. Num segundo momento, falo um pouco sobre os movimentos sociais e a construção dos sujeitos de representação para reivindicação de políticas de direitos, formulações jurídicas, enfim, especificação de um campo de inteligibilidade dos grupos de pessoas que confrontam normas tanto de gênero quanto de sexualidade – isso porque sabemos que, voltando um pouco na história, não é só a direita conservadora que se opõe ao pensamento de Butler. Nós tivemos várias teóricas feministas importantes que tiveram grandes dificuldades com aquilo que a Butler estava propondo enquanto teoria política feminista, principalmente com a noção performativa de gênero e com o fato de que, embora feminista, sua visão não se baseia no sujeito mulher. O terceiro e mais óbvio ponto é o incômodo dos conservadores religiosos, mas não somente esses – também os políticos que estão agora no poder e em várias instituições brasileiras e aqueles inseridos também em práticas neoliberais que usam o Estado, os templos e a mídia como modo de agremiação e propagação de suas estratégias de perpetuação.

Percebam que, se hoje Butler é lida e apropriada em várias pesquisas no campo dos estudos feministas, estudos sobre mulheres e estudos de gênero dentro de diversas áreas conhecimento – que vão da educação física à psicologia, educação, artes visuais, história, antropologia, literatura etc. – isso não ocorreu sem conflitos, e, mesmo hoje, não é um consenso. Desde a primeira tradução de *Fundamentos contingentes do feminismo e a questão do pós modernismo* dentro de um livro organizado por Heloísa Buarque de Holanda em 1995 – texto que também foi traduzido em 1998 sob pelos cadernos PAGU – e, mais tarde, com a tradução dos *Corpos que pesam*, traduzido assim por Guacira Lopes Louro em 2001, a apropriação de suas ideias na academia brasileira passou por uma trajetória cheia de controvérsias. Demoramos mais de uma década para traduzir o *Gender Trouble*, em 2003. Depois, demoramos duas décadas para traduzir *Bodies that Matter – Corpos que importam* –, em 2015.

É preciso reconhecer que algumas leituras de seus trabalhos não lhe pouparam elogios, como é o caso do psicanalista Joel Birman, que, além de auxiliar coma revisão técnica da tradução, participa da sinopse da edição brasileira de 2003 de *Problemas de*

*Gênero*, dizendo: “trata-se de uma obra ao mesmo tempo cortante e apaixonante. Com muita audácia, Butler coloca na berlinda os valores fundamentais de nossa tradição”. Carla Rodrigues, que resenhou o livro na época de sua publicação, traz também uma frase bombástica: “Dito de forma muito resumida, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* desconstruiu o conceito de gênero no qual está baseada toda a teoria feminista”.<sup>8</sup> Hoje é possível afirmar que a receptividade das ideias da autora no território brasileiro cresceu e ainda cresce.

Mas vamos voltar ao livro. Li-o pela primeira vez, em 1993. Naquela época, recebíamos os livros de alguém que havia saído do país e o líamos utilizando a velha prática da cópia por xerox – pois não o encontraríamos na biblioteca da Unicamp. Acredito que o livro tenha sido trazido por Adriana Piscitelli ou por Marisa Corrêa e assim nós o incluímos em nosso grupo de estudos. Naquele momento, percebíamos que o ponto de vista teórico conceitual do livro promovia uma suspeição de várias verdades, autores e obras canônicas no âmbito das ciências humanas.

Butler tratava de Lacan, de Freud, de todo o debate que ocorre em relação ao luto e à melancolia de gênero, que para Butler produz (psiquicamente) a matriz heterossexual. Outra noção importante a ser contestada é a centralidade do falo nas teorias da psique, tanto por Freud quanto por Lacan. Neste livro, Butler faz uma crítica contundente às formas de problematização da subjetividade engendrada (marcadas pelas diferenças de gênero) trazida pela antropologia de Lévi-Strauss sobre parentesco e todo debate feito sobre a hipótese repressiva (já questionada por Foucault), que emoldura o arcabouço argumentativo de Freud, mas também opera em Lévi-Strauss quando em relação ao tabu do incesto se propõe a própria formulação da heterossexualidade numa matriz universal. Nem mesmo Foucault, autor que por sua elaboração da história da sexualidade e de suas noções de poder, exerce muita influência sobre Butler, ficou de fora de sua crítica, uma vez que a autora também questiona em Foucault os resquícios de um pensamento estruturalista.

---

<sup>8</sup> RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-183, 2005.

Perdoem essa “passada” superficial por campos importantes da fundação da psicanálise e da elaboração de uma antropologia e filosofia estruturalista. A intenção não é de aprofundar aqui o campo crítico elaborado, mas remeter ao choque<sup>9</sup> que foi, na ocasião de uma primeira leitura, entrar em contato com *Gender Trouble*.

Butler trouxe ao frente importantes autoras feministas, incluindo aquelas que realizavam uma importante reflexão a respeito do feminismo lésbico e a formulação da crítica à heterossexualidade compulsória. A autora também cita Simone de Beauvoir – e seu texto, clássico escrito na década de 1940, mas relido e devorado na década de 1960 – e sua noção construcionista de gênero. Beauvoir dá um passo fundamental, reconhecido por Butler, mas que carrega consigo um limite. Ao afirmar a formação cultural do gênero, Beauvoir mantém intacta a diferença sexual como um ponto de partida, reforçando assim a estrutura binária sexo como um fato e o gênero como aquilo que é adquirido culturalmente. Aqui vemos uma distinção que permanecerá por muito tempo dentro do feminismo. Veremos muitos outros textos de Butler a continuar esse debate junto de algumas autoras feministas francesas.

Nas palavras de Butler (2003, p. 163): “Se o sexo não limita o gênero então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado que não estejam limitados pela aparente dualidade do sexo”. Assim, a autora começa a elaborar gênero como um devir histórico e não natural, incluindo o sexo como parte desse devir.

Outra feminista importante trazida ao debate por Butler é Monique Wittig – que parte de S. de Beauvoir, ao historicizar a categoria mulher, mas questiona em Beauvoir o modo como o sexo aparece como uma categoria invariável, naturalizada. Para Butler, Wittig ajuda a pensar quando traz a categoria lésbica para desestabilizar o par sexo/gênero (natureza/cultura). Dessa forma, sexo e gênero não são categorias políticas descritivas estáveis. Vemos aqui que essa primeira leitura crítica de Beauvoir é

---

<sup>9</sup> Escrevi uma primeira reflexão a partir deste primeiro encontro/leitura de G.T. na resenha de título *Ainda temos muito o que dizer*, publicada na Revista de Estudos Feministas em 1994. Mais tarde, em 1998, com a publicação de meu texto *Posições de sujeito, atuações de gênero*, na Revista de Estudos Feministas, voltei à Butler, mas já com *Bodies that Matter* em mente, puxando mais fios para pensar o trabalho da autora. Em ambos os textos, ainda não estava claro para mim que G.T. havia se tornado um ponto inaugural de uma “teoria queer”. É interessante notar que, em *Why Bodies Matter* (2015), palestra em concedida em celebração dos 25 anos de sua obra fundamental, Butler comenta que, no início da década de 1990 e até mesmo na época da escrita de G.T., ela mesma não pensava em produzir as bases desse um marco teórico.

apropriada por Butler que, por sua vez, elabora, ela mesma, um diálogo crítico com Wittig.

A autora destaca o fato de Wittig conceber o sexo como algo produzido discursivamente e difundido por um sistema de significações opressivo para as mulheres lésbicas. Não vislumbrando condições de subversão dentro dessa lógica discursiva, a autora francesa propõe uma linha radical de ruptura. Isso implica em produzir uma outra descrição dos corpos, sem diferenciação pronominal (ele/ela). No entanto, no entender de Butler (2003, p.167): “Na teoria de Wittig parece existir dois níveis de realidade, duas ordens de ontologia. A ontologia socialmente constituída emerge de outra, mais fundamental que parece ser pré-social e pré-discursiva”. Se, por um lado, Wittig avança em relação a Beauvoir ao trazer também o sexo para o campo da dimensão discursiva das relações de poder e de produção, por outro, ela mantém intacta a possibilidade de existir um elemento pré-discursivo e pré-social.

A tarefa prática que as mulheres enfrentam ao tentarem criar a subjetividade por meio da fala depende de sua capacidade coletiva de descartar as reificações do sexo a elas impostas, e que as deformam como seres parciais ou relativos.

Butler (2003, p. 170) elogia no pensamento de Wittig e seu esforço para dar conta da potência contida nos desafios práticos enfrentados pelas mulheres ao produzirem subjetividade por meio da fala. Isso, por sua vez, depende da capacidade coletiva de descartar as reificações do sexo a elas impostas e que as deformam como seres parciais ou relativos, frente à concepção de os homens estariam sempre na esfera do universal e as mulheres na esfera do particular. Já a crítica de Butler a Wittig poderia ser resumida dessa forma: ainda que a autora francesa critique a universalização e centralização do ponto de vista heterossexual, ela mesma parece não só universalizar a própria *mentalidade hétero*,<sup>10</sup> como também desconsiderar as consequências totalitárias dessa teoria dos atos soberanos de fala (BUTLER, 2003, p. 171). Butler alude às armadilhas das identidades que se voltam o tempo todo contra críticas, que se consideram uma verdade

---

<sup>10</sup> Como também faz Bourdieu em *A Dominação masculina*. Conf. a maravilhosa crítica de Mariza Corrêa ao textos de Bourdieu em: CORREIA, M. O Sexo da Dominação. **Novos Estudos**, n. 54. 1999.

absoluta. Insiste na necessidade de estarmos sempre atentas a essa vocação totalitária de algumas teorias e seus efeitos políticos.

A relação de sujeição não é única, portanto, há diferentes distinções nos modos de ser hétero, homo, trans e não-binário, que nos impedem de fazer suposições e/ou oposições simplistas. Não basta ocupar a posição de um sujeito falante, como na sugestão de Wittig, e fazer deste ponto particular um ponto de vista universal. Ao retomar o universal sob a perspectiva de um “nós”, que não mais é hétero, continua-se se estabelecendo uma contraposição entre lésbicas e héteros. Ainda que afirme inverter a posição do sujeito, Wittig deixa intocada a vocação da existência de uma estrutura universal que ancora um todo.

Hoje poderíamos evocar na crítica de Butler a Wittig aquilo que as feministas decoloniais latino-americanas vêm problematizando na crítica ao eurocentrismo. No livro que Butler organizou com Joan Scott em 1992,<sup>11</sup> sobre pós-modernismo e política, Butler já se refere às teorias pós-coloniais – assim as chamávamos, na época. Essas teorias estavam justamente questionando o eurocentrismo do pensamento feminista, trazendo para o debate a questão das mulheres negras, lésbicas e trans nos trópicos. Podemos aproveitar essa crítica e problematizar as diferenças entre ser e lésbica e trans na Europa e fora dela – essas diferenças trazem outras questões políticas fundamentais para pensarmos as formulações ontológicas que possibilitam discursos de reivindicação de legitimidade diante de opressões, mas que também reinstauram universalidades. Por vezes, temos a boa intenção de criar uma posição de sujeitos com uma fala potente, mas essa fala potente universaliza e silencia todo um conjunto de possibilidades de ação conjunta.

Nesse sentido, entendo que há no pensamento de Butler, tanto em *Gender Trouble*, quanto em *Bodies That Matter*, uma crítica radical ao universal e uma aposta político-teórica na potência do pensamento voltado a uma lógica das contingências e das alianças, traduzidas como coalizões. No contexto brasileiro, Berenice Bento expandirá as pesquisas nessa temática. Sugiro a leitura de seus últimos livros, principalmente *Sexualidade, Gênero e Violência: um estudo sociológico* (2019). Também

---

<sup>11</sup> SCOTT, J. W.; BUTLER, J. **Feminists theorize the political**. New York: Routledge. 1992.

sugiro a leitura de *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil no século XIX* (2012), de Richard Miskolci onde, a partir da leitura de textos literários, o autor traz um pouco desse entrecruzamento entre questões de raça, gênero e a produção de um ideal de nação, expandindo o debate em torno da crítica radical ao universal a fim de mostrar na política do embranquecimento e no projeto moralizante as entranhas da biopolítica brasileira como cerne do projeto de “nação”.

Voltemos ao ponto de partida a partir do qual Butler indaga: como operam os discursos sobre o gênero? A partir dessa questão, ela nos convoca a pensar sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder. Portanto, supõe uma forma de investigação crítica à qual Foucault, lendo Nietzsche, deu o nome de genealogia. Assim, já de início ela traz a ideia de que não é possível formular o par sexo/gênero, um sendo ligado ao fato natureza e o outro ligado à cultura, às agências, à história. No lugar do par (sexo/gênero) ela propõe uma tríade – sexo, gênero e desejo. O feminino e a feminilidade não são noções estáveis do ponto de vista sócio-histórico e não estão numa relação de causa/efeito com os corpos. Isso será realmente importante para a reformulação do feminismo. Sei que houve um *revival* da noção de patriarcado dentro dessa nova primavera feminista, trazendo-a à baila para nomear as estruturas de poder que constituem as desigualdades entre homens e mulheres nas sociedades ocidentais. A categoria foi muito utilizada numa perspectiva marxista de feminismo, e remete a uma compreensão específica do funcionamento das relações de poder que coloca importantes críticas ao liberalismo e à modernidade. Mas é importante lembrar que, em 1990, na produção do livro, Butler está em contato com várias importantes críticas ao caráter unilateral e universal dessa categoria, cujo uso cria um antagonismo entre homens e mulheres. Não é possível deduzir daí que não ocorram violências, opressões e desigualdades (institucionalizadas e do ponto de vista social e individual) de homens sobre mulheres. Contudo, a discussão aqui trata da sistematicidade e no modo pelo qual essa relação de poder está sendo colocada.

Em *Gender Trouble*, é possível perceber que as discussões que a autora realiza quando se refere ao funcionamento das relações de poder está mais focada na crítica ao falocentrismo, pois essa noção traz outros elementos simbólicos e permeáveis que permitem dar às relações hierárquicas desiguais entre os gêneros uma dinâmica menos

centrada na identidade e mais focada nas práticas de produção de corpos gendrados, generificados – palavras usadas para traduzir *engendered*. O modo como Butler articula a performatividade de gênero, a crítica ao falocentrismo e à heterossexualidade compulsória, cria, a meu ver, essa tríade teórica que a auxiliam a pensar a dinâmica de relações de submissão e subversão das normas e convenções de gênero para além do modo como a categoria patriarcado faz. É claro que despatriarcalizar é uma necessidade, mas é interessante observar como, do ponto de vista conceitual, a aproximação com a noção foucaultiana de poder permite à autora problematizar as subversões e a luta direta contra o neoliberalismo e o falocentrismo para além da centralidade da luta de classes e da luta contra o Estado. Todas essas reformulações jurídicas para um Estado mais inclusivo também têm espaço no pensamento de Butler, mas está presente de uma maneira em que a autora questiona se a única forma de subversão será sempre apenas por esse tipo de produção de um sujeito de representação, de um sujeito que demanda inteligibilidade via o Estado.

Sua aproximação a uma perspectiva pós-estruturalista – portanto, ligada a uma dimensão microfísica de poder, a uma noção de genealogia das análises dos discursos – propõe certos cuidados quando a juntamos com perspectivas feministas mais assentadas em modos marxistas, mais estruturados em macro dimensões do poder que operam com essa noção de sujeito e resistência de maneira distinta àquela com a qual Butler trabalha. Categorias de identidade são, na verdade efeitos, de instituições práticas e de discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos.<sup>12</sup> Por conta dessa linha de raciocínio, a autora foi acusada de despolitizar o feminismo, uma vez que sua perspectiva trazia instabilidade para a categoria mulher, até então base e fundamento para as políticas feministas e da luta contra o patriarcado. Nesse sentido, gênero não é uma identidade estável ou um *locus* de agência a partir do qual vários outros atos decorreriam. Ao contrário, é uma identidade tenuemente constituída no tempo através de uma processual repetição estilizada de atos.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 9.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 200.

Apesar de tamanho passo em direção a uma compreensão desnaturalizada e dessencializada da noção de mulher, tanto a formulação de Beauvoir quanto a noção de patriarcado partem de uma distinção sexo/gênero que recompõem uma clássica visão dual filosófica/antropológica entre natureza/cultura, indivíduo/sociedade, corpo físico/corpo psíquico etc. A aposta butleriana no caráter performativo dos gêneros e na maneira como isso lhe permitiria pensar as práticas de subversões de gênero em ações paródicas sem efeitos estruturantes ou políticos, fez com que a autora fosse também muito apreciada por movimentos artísticos e culturais no universo *camp*, *drag* e transformista, no âmbito do teatro, das artes visuais, no audiovisual e na literatura, pois ajudou a formular o entendimento de que essas práticas desnaturalizam e são disruptivas dos processos de normatização do binarismo de gênero e da heteronormatividade. Porém, no afã de entendermos o fluido em contraposição ao fixo, a própria noção de *devir* do gênero foi muito banalizada nesses últimos anos e traduzida numa interpretação construcionista que está longe daquilo que Butler tentou formular em *Gender Trouble* e *Bodies that Matter*.

É claro que nada se compara à deliberada deturpação que foi feita por pessoas como nossa ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, que, ao formular como “ideologia de gênero” as pautas por educação sexual e de gênero que tentavam trabalhar as LGBTfobias no âmbito escolar e social, diz no seu primeiro discurso de posse, que o Brasil está numa nova era e meninos vestem azul e meninas vestem rosa.<sup>14</sup> Esse gesto inaugural de governo sintetizou toda uma reação direta e grotesca à compreensão performativa de gênero. Ao longo desses dois anos a ministra proferiu várias piadas em suas diversas falas, retomando o caráter fixo e imutável do par sexo/gênero, em contraposição ao que ela entende como uma imposição esquerdista de valores sobre o sexo e sobre o ser mulher ou homem. A palavra gênero é desconsiderada no vocabulário da ministra. Uma das piadas diz assim: “Ah, você já ouviu falar que você dorme mulher e amanhece homem?” – num esforço de banalização das transformações corporais e subjetivas de pessoas dissidentes do binarismo. De qualquer forma, não me

---

<sup>14</sup> 'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Aves. Portal Estado de São Paulo, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

estenderei na análise dos usos estratégicos de *fake news*, memes e outros recursos antiéticos e publicitários para dar visibilidade a esse projeto conservador-moralizante de dominação simbólica. A respeito do tema, existem várias reflexões sérias publicadas. Como exemplo, indico um dossiê nos Cadernos Pagu organizado por Richard Miskolci e Pedro Paulo Pereira, intitulado *Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil* (2018). Ali estão contidos textos muito instigantes e que ampliam muito o tema sobre o qual estou tratando agora. Indico outro texto do próprio Miskolci,<sup>15</sup> no qual ele empreende uma importante genealogia e uma reflexão bem detalhada sobre o que é essa cruzada moral do bolsonarismo – a verdadeira dimensão política dessa cruzada moral.

Bom, assim como esse bolsonarismo perseguiu Butler, também perseguiu Paulo Freire, Gramsci, Beauvoir – Butler e Beauvoir justamente por acenarem ao fato de que a anatomia não é um destino, portanto, ser mulher não é algo natural.

Como já mencionado anteriormente, Michael Foucault e Monique Wittig, autores que propuseram leituras radicais do tema ao afirmarem a própria instabilidade do corpo e do sexo, permitiram com que Butler pudesse, a partir daí, elaborar um pouco melhor sua própria compreensão da materialidade do gênero e do corpo – pensando este segundo como uma linguagem permeada por efeitos de poder. Assim, a autora estadunidense elaborou um de seus principais argumentos, além do caráter performativo do gênero: a não necessária contiguidade, linearidade ou relação causal entre sexo, gênero e desejo. Na minha leitura, esse é um dos principais pontos de *Gender Trouble*. Essa formulação desemboca numa crítica importante à política de representação jurídica fundada em identidades reificadas e, por ser crítica da política identitária, passou a ser nomeada e reconhecida por teoria *queer*, algo que a própria autora explica<sup>16</sup> que veio em decorrência das apropriações do livro, juntamente às outras obras que foram escritas no mesmo período e não como uma proposição deliberada dele.

---

<sup>15</sup> MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653409>>. Acessado em 10 de maio de 2021.

<sup>16</sup> Aqui me refiro novamente à *Why Bodies Matter*, palestra mencionada acima, na qual a autora comenta a repercussão do livro, mencionando justamente esse fato: “[...] I am in fact the author of that book (G.T.), but I have changed in the last course of 25 years, and the book has taken a life on its own (...). It

Butler se protege das possíveis críticas, afirmando que “A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada”.<sup>17</sup> Se, no primeiro capítulo, a autora dialoga diretamente com a tradição feminista de pensamento vigente até aquele momento, na seção seguinte ela se dedica a analisar as práticas de saber e conhecimento sobre a sexualidade, tendo a psicanálise no centro desse debate. Butler analisa a relação entre a proibição do incesto e a produção da matriz heterossexual.<sup>18</sup>

Nunca é demais lembrar que Butler estava inserida em um momento do pensamento feminista em que ela e outras pensadoras, como Gayle Rubin, por exemplo, se debruçavam sobre o conhecimento sexual, relendo sexólogos do século XIX e início do século XX – analisando como se deu ali a construção das patologias e as normalidades no entendimento do corpo e da sexualidade. Refiro-me a nomes como Richard von Krafft-Ebing, Magnus Hirschfeld e Havelock Ellis, que, nesse período histórico, discutiam as teorias do instinto sexual, da homossexualidade como inversão – teríamos aqui Hirschfeld como, talvez, um dos primeiros ativistas médicos e teóricos que objetivava despatologizar a questão homo e trans, concebendo-as como parte de uma normalidade, ainda pouco conhecida dos discursos que vinham sendo construídos durante o século XIX.

Em *Corpos que Importam* (2018) a autora retoma ambas as noções de performatividade de gênero e de materialidade do sexo para esclarecer o que a distância tanto de um projeto filosófico humanista quanto do construcionismo cultural, que dão ênfase às escolhas de um sujeito considerado pré-existente ou desconsideram as circunstâncias constringidas nas quais os corpos são materializados e sexuados. Em outras palavras, interessa a Butler entender a construção cultural dos corpos, mas não como algo desencarnado ou como se o corpo fosse pura abstração. Pelo contrário, preocupa-se com o fato de que os mesmos mecanismos que produzem inteligibilidade cultural de

---

was written in the same time as many others important books that helped to instigate queer theory at that time, that wasn't my intention, was surprised by the outcome". (BUTLER, 2015).

<sup>17</sup> BUTLER, Judith. **Problemas...**, p. 213.

<sup>18</sup> Para um maior aprofundamento entre psicanálise e o pensamento de J. Butler, sugiro a leitura do texto de ARÁN, M.; PEIXOTO JÚNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, n. 28, jan.-jun., 2007, p. 129-147.

certos corpos produzem também aqueles considerados impensáveis, abjetos, sem direito à vida. Ou seja, trata-se de uma construção conjunta, que se dá a partir de uma relação.

Apesar de gastar em detalhamento e exposição para elaborar esse argumento, Butler dedica-se igualmente a ilustrar, enfatizar e abrir espaço para as arejadas práticas de subversão dessas rígidas e constrictivas normas que regulam as práticas demarcadas pela dinâmica performativa do gênero, sexualidade e desejo. Eu destacaria dois tópicos tratados, tanto em *Bodies that matter* quanto em *Undoing Gender*, que ilustram o tom polêmico de suas reflexões sobre atos subversivos. Um deles é a crítica a ideia de que o falo lésbico seria apenas um reiterador da dominação simbólica masculina. Butler se opõe a essa ideia. Afinal, o que uma mulher com trejeitos (gestos, vestuário, estilo de corte de cabelo, maneirismos no vocabulário etc.) lidos a partir do repertório do “machão”, o que na linguagem popular se denomina lésbica “caminhoneira”, teria de subversiva se a sua performance fosse apenas uma ação mimética de uma masculinidade fálica da qual muitos homens estão querendo se livrar? A autora responde que não se trata de contemporizar a dominação simbólica masculina, mas de compreender que o simples fato de se deslocar a masculinidade do corpo entendido como masculino por sua natureza e localizá-la em novas corporalidades – ou seja, desgrudar o par masculino-feminino das identidades homem-mulher – abala as noções do que entendemos por corpo humano e por diferença sexual. Nas palavras de Butler, “o falo lésbico oferece então ocasião para que o falo, como essa imagem simbólica, signifique diferentemente e, assim, significando outra coisa, traga a possibilidade de ressignificar seu privilégio masculinista e heterossexista”.<sup>19</sup> Tal reflexão sobre os modos de ressignificação do simbolismo do falo amplia enormemente a compreensão política dos processos de transexualização masculina, não necessariamente ligadas às práticas lésbicas e muito menos ao falocentrismo.

Afinal, ainda temos algumas feministas, que se ligam historicamente ao importante legado das radicais das décadas de 60 e 70 (RadFem), com dificuldades de

---

<sup>19</sup> Tradução livre do trecho: “the lesbian phallus offers the occasion (a set of occasions) for the phallus to signify differently, and in so signifying, to resignify, unwittingly, its own masculinist and heterosexist privilege”, retirado de BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 2011, p. 106.

entender porque uma mulher “se transformaria em um homem e ainda assim seria feminista” – esse é o entendimento limitado que elas têm de um homem trans. Esta aparente contradição fez com que durante muito tempo a transexualidade fosse vista como um retrocesso, um conservadorismo político-filosófico, porque justamente traria para o âmbito do feminismo “homens” que querem tomar para si o “ser” mulher, mas oriundos e imersos nas violências patriarcais praticadas historicamente contra as mulheres. Isso porque parte dos argumentos que sustentam a transexualidade se pautam pela tentativa de correção da unidade sexo-gênero. Ao contrário destas oposições binárias no entendimento da transexualidade e das diferenças sexuais, na leitura de Butler, é importante, ao mesmo tempo, deslocar o feminismo de um ideal puro do feminino, implodir a dicotomia homem/mulher e estar consciente de que qualquer reinvenção de nós mesmos, em termos de gênero e sexualidade, não se dá à parte ou tampouco fora dos campos normativos e das regras de inteligibilidade constituídas historicamente. Em outras palavras, não cabe atribuir às pessoas transsexuais a retomada de um gênero normativo. Não há como nos livrarmos do simbolismo do falo, senão pela reiteração e, nela, a resignificação que traz um possível deslocamento dos privilégios atribuídos ao mesmo.

Recentemente, os estudos de Butler enveredaram por questões políticas, consideradas mais amplas, que questionam as relações entre poder bélico-jurídico e o exercício estatal da violência. Em especial, nas suas contundentes análises do conflito Palestina-Israel. Posicionando-se como judia ao mesmo tempo crítica das posturas e ações da atual política israelense, Butler estendeu os argumentos sobre a precariedade e vulnerabilidade de certa corporalidade *queer* – os assassinatos e a discriminação das travestis e dos corpos que não importam na atual matriz de inteligibilidade – para problematizar o tratamento desumanizador de civis palestinos nos abrigos. Butler levanta diversas questões: para quem e em quais circunstâncias a cidadania, enquanto direito, é concedida dentro dessas zonas de conflito armado? Como importam os corpos dos soldados, das crianças, das mulheres, dos sem-teto, sem Estado, sem nacionalidade?

Para alguns, as discussões butlerianas sobre moral, humanismo, poder e sua contundente crítica ao neoliberalismo político-filosófico representaria uma guinada, uma mudança de foco de suas reflexões sobre gênero e sexualidade. Reconheço, com

uma certa tristeza, que Butler só conquistou a legitimidade e o status de um pensamento sério quando o reconhecimento sobre sua trajetória de estudos se deu não apenas por sua longa inserção no campo dos estudos feministas, de gênero e de sexualidade, mas quando retomou esses elementos de um outro modo e ampliou o debate para pensar a precariedade dos corpos, não só dos que importam na codificação do legível e reconhecível em termos de gênero, mas sobretudo dos corpos em sua vulnerabilidade e exposição nos territórios envolvidos em conflitos armados. Conflitos éticos de teor político-econômico esbarram não apenas nas diferenças em termos de gênero e sexualidade, mas sobretudo nas categorias dominantes de pertencimentos étnicos, religiosos e nacionalistas. No entanto, Butler tem sido firme, em entrevistas e textos, ao afirmar que na verdade é sua postura feminista e *queer* que a compele a pensar nesses processos de racialização e a multiplicidade dos dispositivos e mecanismos de poder que forçam historicamente a construção de uma barreira entre humano e não-humano, entre corpos hegemônicos e corpos precarizados.

À guisa de uma conclusão, me foco sobre a apreensão de Butler dentro dos movimentos sociais no Brasil, e sobre como autora é inserida dentro do que chamamos de cultura pop – que abrange personagens de telenovela e *reality shows*, mas também peças dirigidas por Zé Celso, paradas do orgulho gay e toda essa onda de uma nova visibilidade de transexuais, travestis e de corpos *queer* na cena brasileira nos últimos 20 anos.

Toda essa movimentação ampliou o poder de inserção e visibilidade de subjetividades consideradas desviantes na grande mídia, para além da reiteração de sua presença nos espaços marginais ou paralelos já antes conquistados. Há ampla ramificação das vias de acesso a um mundo antes restrito apenas a alguns grupelhos. Ao mesmo tempo, vigora neste momento político brasileiro a presença também massiva e preocupante de políticos e grupos religiosos fundamentalistas. Nos últimos 20 anos houve, concomitantemente, um grande investimento na visibilidade das demandas desse corpo *queer* e um, a seu contraponto político, *boom* de grupos religiosos fundamentalistas destilando atos de violência política verbal e não verbal. Vimos nos últimos três ou quatro anos uma crescente pressão para que as instituições suprimam as iniciativas nas quais nos empenhamos para ampliar a sensibilização em relação a essas

políticas de entendimento do que são esses corpos *queer* enquanto parte da sociedade como um todo. Nesse sentido, se antes Butler partia de leituras direcionadas apenas para um grupelho acadêmico, hoje o seu alcance é muito mais reluzente. Pelos motivos acima discutidos, torna-se também necessário, que retomemos aqui e acolá essas leituras e as questões instigantes colocadas pela autora.

Para finalizar essa reflexão, deixo uma pergunta para vocês e para mim mesma: conseguimos pensar nossas práticas a partir dessa radicalidade proposta e sugerida pelas reflexões de Butler há 30 anos atrás? Conseguimos pensar políticas que transcendam a luta por direitos que supõem sujeitos de direito marcados por identidades fixas de gênero, classe, raça e sexualidade? Estamos preparados para as políticas de aliança às quais Butler tanto nos convoca?

Obrigada pelo convite e pela atenção!

## Referências

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, n. 28, jan.-jun., 2007, p. 129-147.

BALANÇO anual: Ligue 180 registra 1,3 milhão de ligações em 2019, **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/balanco-anual-ligue-180-registra-1-3-milhao-de-ligacoes-em-2019>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

BESSA, Karla Adriana Martins. Ainda temos muito o que dizer, **Revista Estudos Feministas**, 1994.

BESSA, Karla Adriana Martins. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. **Estudos Feministas**, p. 34-45, 1998.

BUARQUE, Chico. Geni e o Zeppelin. In: \_\_\_\_\_. **Opera do Malandro**, 1978 (álbum musical).

BUTLER, Judith. Não é o fim da história', diz filósofa sobre ensino de gênero nas escolas. **G1**, 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/nao-e-o-fim-da-historia-diz-filosofa-sobre-ensino-de-genero-nas-escolas.html>>. Acesso em 10 de Maio de 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 2011.

CORREIA, M. O Sexo da Dominação, **Novos Estudos**, n. 54. 1999.

ITAPOÁ (SC) assina acordo para adesão ao programa Famílias Fortes, **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/itapoa-sc-assina-acordo-para-adesao-ao-programa-familias-fortes>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

'MENINO veste azul e menina veste rosa', diz Damares Aves. **Portal Estado de São Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653409>>. Acessado em 10 de maio de 2021.

POR QUE as taxas brasileiras são tão alarmantes?, **Agência Patrícia Galvão**. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/#brasil-e-o-50-no-ranking-de-homicidios-de-mulheres>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-183, 2005.

SCOTT, J. W.; BUTLER, J. **Feminists theorize the political**. New York: Routledge. 1992.

# Algumas reflexões sobre Butler e a(s) melancolia(s)<sup>1</sup>

Cassiana L. Stephan<sup>2</sup>

## Introdução

Boa noite a todas, a todos e a todes! Em primeiro lugar, eu agradeço imensamente à professora Marlene Tamanini e a Henrique Quagliato pela oportunidade de troca neste evento sobre os 30 anos de *Problemas de Gênero*.<sup>3</sup> Agradeço também à professora Maria Rita pela presença. Gostaria de dizer que sempre fico muito emocionada quando estou ao seu lado, professora Rita, pois foi você quem me apresentou ao pensamento de Michel Foucault e é em sua postura ética e política que me espelho e me inspiro na construção da minha carreira acadêmica.

Bom, como eu sou da área da Filosofia, o meu trabalho pode soar um tanto quanto abstrato, embora eu constantemente busque materializar os conceitos que manipulo. Eu tentarei ser o mais clara possível aqui, mas se vocês tiverem alguma dúvida conceitual, por favor, não deixem de me perguntar.

Sei que o pensamento da Butler possui diferentes aplicações práticas e que se trata, portanto, de um pensamento com uma potência política incomensurável. A dimensão prática do pensamento butleriano me toca no que diz respeito à compreensão

---

<sup>1</sup> Esta conferência se baseia no artigo “Notas sobre o amor e a melancolia: da estrutura à resistência”, publicado em agosto de 2020 na Revista Estudos Feministas: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/3090>>. Ademais, as discussões entretidas nesta fala também podem ser encontradas no terceiro capítulo de minha tese de doutorado, intitulada “Amor pelo avesso: de Afrodite a Medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos” (Prêmio Filósofas de Destaque Acadêmico 2020 pela Rede Brasileira de Mulheres Filósofas). Por fim, vale ressaltar que as notas de rodapé não foram apresentadas na ocasião da conferência, mas as disponibilizo aqui para que as críticas de Butler em relação à psicanálise possam ser contextualizadas e eventualmente aprofundadas.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia. Universidade Federal do Paraná (Brasil). Email: [cassianastephan@yahoo.com.br](mailto:cassianastephan@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Texto decorrente de fala ministrada no dia 17 de dezembro de 2020. Esta comunicação e o debate realizado por Maria Rita de Assis César (DTPEN-UFPR) podem ser acessados na íntegra através da página do Núcleo de Estudos de Gênero no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nucleodeestudosdegeneroufpr/videos/1160752210988215>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

da intimidade – intimidade que não é tão íntima assim, já que sempre está exposta às regulações normativas do Outro, o qual psiquicamente simboliza os diferentes mecanismos de poder-saber que operam na civilização. Este Outro ganha diferentes figurações no decorrer da história, ora ele é Deus, ora Razão, ora Falo. Ele também pode surgir no contexto da topografia interna dos sujeitos como uma mistura destas diferentes figurações, ou seja, como um Deus fálico, como um logos divino, como um logos divino e fálico, e assim por diante.

A meu ver, quando Butler se articula criticamente à psicanálise, ela vai além de Foucault, na medida em que redimensiona a problemática ético-política do cuidado de si e da estética da existência, permitindo-nos perceber que a vida psíquica dos poderes e dos saberes deve ser levada em consideração no que diz respeito à estilização de nossas próprias existências e à intervenção ético-política no mundo.

Então, hoje, levando em consideração as análises desenvolvidas por Butler em *Problemas de Gênero* (1990), mas também n'*A vida psíquica do poder* (1997), pretendo apresentar a vocês algumas reflexões sobre a melancolia. Também mobilizarei as análises de Foucault sobre a estética da existência e o cuidado de si na construção de meus argumentos com o intuito de lhes mostrar de que modo eu entrecruzo estes dois autores em minhas pesquisas. Foucault não aparecerá exaustivamente, mas apenas em alguns momentos.

Antes de efetivamente começar minha comunicação, gostaria de ressaltar que a noção de melancolia vem sendo retrabalhada por Butler e que em seu último livro, a saber, *The force of non-violence*, a ambivalência melancólica reaparece com mais clareza, sendo recontextualizada para além das questões de gênero. De modo geral, em *The force of non-violence*, Butler explica que existem duas maneiras pelas quais a melancolia pode ser vivenciada no contexto da constituição psíquica e social do si: podemos nos identificar ao Outro, entendido aqui como o horizonte de normatividade no qual o si está implicado cultural e historicamente, de modo a sacrificarmos nossa peculiaridade distintiva; contudo, também podemos nos des-identificar deste Outro em virtude de nós mesmas, isto é, sacrificá-lo em nome de nossa potência criativa. Segundo Butler, a melancolia é composta destas duas tendências opostas – cito Butler:

[...] a primeira tendência é a autocensura, que se torna a assinatura da atuação da “consciência”; a segunda é a “mania”, que busca quebrar o elo com o objeto perdido, renunciando ativamente o objeto que se foi. As denúncias “maníacas” e energéticas do objeto, mas também a intensificação dos esforços do ego em romper o elo com o ideal ou com o objeto perdido, implicam o desejo de sobreviver à perda e não o desejo de ter a própria vida reivindicada pela perda em si mesma. A Mania é, por assim dizer, o protesto do organismo vivo contra a prospecção de sua destruição por um super-eu não verificado. [...] A força maníaca que busca derrubar o tirano corresponde, de certa forma, ao poder que o organismo [vivo] possui para quebrar os elos considerados como aqueles que sustentam a identificação. [...] A *des-identificação* se torna um modo de oposição aos poderes de autodestruição, um modo de assegurar a vida do organismo em si mesmo (BUTLER, 2020, p.167, minha tradução).

Levando, pois, em consideração essas duas tendências opostas – a saber, a da autocensura identitária e a da mania que nos desidentifica – vou apresentar a vocês a diferença entre a melancolia oblativa ou estruturada, e a melancolia criativa ou desviante, no que se refere aos processos de identificação e desidentificação relativamente à matriz heterossexual. Então, vamos lá.

### **A(s) melancolia(s)**

Para Butler, a melancolia corresponde a uma regulação psíquica do poder que constitui a identidade de gênero e que, de modo geral, determina a relação da subjetividade com as normas. Como explica Butler – eu a cito, “[...] a declaração da culpa, o juízo de inutilidade, os veredictos da realidade – são topograficamente representados como instrumentos psíquicos e instituições dentro de um panorama psíquico que por ser plausível depende de sua própria metaforicidade. O poder regulador se torna ‘interno’ somente através da produção melancólica da figura de um espaço interno. [...]” (BUTLER, 1997, p.197) Butler explica que a constituição melancólica do gênero consiste em um acontecimento que se estabelece por meio da intersecção entre a vida psíquica do sujeito e o significativo que o demanda cultural e socialmente, o qual está vinculado na modernidade psicanalítica à simbolização fálica do Outro. A partir de Butler, talvez possamos afirmar que a melancolia possui duas disposições, a saber, uma estruturada e outra desviante. A melancolia estruturada ou oblativa seria regida pela lei patriarcal da psicanálise, que curaria os desvios da sexualidade por meio da aplicação dos códigos fálicos ao sujeito de desejo. Estas normas falocêntricas parecem conduzir à elaboração

de uma reflexividade culposa. Diferentemente, a melancolia desviante ou criativa estaria vinculada à subversão da heteronormatividade, pois concerniria ao modo de subjetivação que se daria por meio da crítica em relação aos poderes e saberes do Falo. Com base nisso, as mazelas do amor moderno estariam relacionadas à normalização da melancolia oblativa, processo que alicerça a psiquê dos sujeitos na estrutura fálica, sistematizando seus laços sociais pela harmonização entre o interesse civil e a heteronormatividade do desejo. A melancolia estruturada funcionaria em razão da interdição dos prazeres que manifestam o alcance ético-político dos afetos atrelados à des-identificação em relação à heteronormatividade. Simultaneamente, a melancolia estruturada operaria em virtude da promulgação da moral e dos bons costumes, ou melhor, dos códigos que imputam a docilidade materno-matrimonial ao modo de ser mulher e o vigor paterno-patriarcal ao modo de ser homem.

Segundo Butler, a inteligibilidade dos amores modernos se deve à continuidade e à coerência entre a ficção atrelada à manifestação ontológica do sexo, à disposição natural do desejo e à normalidade psíquica e social do gênero.<sup>4</sup> Nesse sentido, o desejo jogaria na modernidade um papel fundamental no que tange às condutas afetivas porque concerniria ao acontecimento psíquico que irrompe da articulação entre a verdade sobre a natureza e a verdade sobre a cultura do sujeito amoroso. Para Butler as leis da biologia dão origem à ficção de uma realidade binária que corresponde ao estatuto ontológico do macho e da fêmea, ao passo que as leis da psicanálise produzem, a partir destas duas possibilidades ôntico-genitais, a realidade cultural daquele que *tem* o falo e a realidade cultural daquela que *é* o falo.<sup>5</sup> Em outras palavras, o binarismo forjado, disseminado e

---

<sup>4</sup> “Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que em certo sentido instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles mesmos pensáveis somente em relação às existentes normas de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhagens causais ou expressivas de conexão entre o sexo biológico, os gêneros culturalmente constituídos, e a ‘expressão’ ou o ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual através da prática sexual. [...] A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada requer e regula o gênero como uma relação binária, na qual o termo masculino é diferenciado do termo feminino e esta diferenciação é realizada através das práticas do desejo heterossexual.” (BUTLER, 2002, p.23 e p.30, minha tradução).

<sup>5</sup> “O falo é a função pivô, diria eu, que nos permite situar aquilo que dele se distingue, ou seja, *a*, e no pequeno *a* enquanto pequeno *a*, a função geral do objeto de desejo. No coração da função pequeno *a*, permitindo agrupar os diferentes modos de objetos possíveis que intervêm na fantasia, existe o falo. Este é o objeto, como eu disse, que permite situar sua série, o ponto de origem, para frente e para trás. (LACAN, 2010, p.462).

investido pelo discurso do positivismo científico é metonimicamente retomado pela imagem psicanalítica do Falo, a qual é elaborada através de – cito Butler – “uma linguagem estruturada pela lei patriarcal e pelos seus mecanismos de diferenciação.” (BUTLER, 2002, p.56, minha tradução) Dessa maneira parece que as distinções psicanalíticas acerca dos desejos masculinos e femininos advêm da mescla entre a fábula médico-científica do naturalismo binário e o mito filosófico-antropológico do patriarcado.<sup>6</sup>

A ciência explica o amor como uma sinapse que conecta as funções cerebrais às genitais, ou melhor, para a biologia e para a medicina o amor corresponde a uma necessidade fisiológica que garante a perpetuação da espécie humana. O princípio teleológico da reprodução justifica o discurso científico que descreve e prescreve a simetria da diferença entre o corpo do macho e o corpo da fêmea. Ademais, Butler mostra que a reprodução também é pressuposta, reiterada e racionalizada pela lei do patriarcado, já que os filhos homens manifestam a consolidação da ligação e da diferença entre os clãs patriarcais envolvidos em determinado intercuro social, enquanto as filhas mulheres viabilizariam tal comunicação. Mais especificamente, as mulheres serviriam ao casamento para facilitar a comutação identitária entre os homens que constituem diferentes linhagens paternas – cito Butler: “a noiva funciona como um termo relacional entre grupos de homens; ela não *tem* uma identidade e nem mesmo troca uma

---

<sup>6</sup> Butler, assim como Foucault, afirma que a verdade acerca da subjetividade e da realidade que a permeia consiste em uma *ficção* alicerçada pelo poder atinente à aplicação prática dos saberes ensejados e delimitados por determinado discurso: “[...] em que sentido isto é ficção? Foucault se refere a ‘uma prática histórico-filosófica [na qual] se trata de fazer a própria história, de fabricar a história, como por ficção [*de faire comme par fiction*], nos termos em que ela estaria atravessada pela questão da relação entre as estruturas de racionalidade que articulam o discurso verdadeiro e os mecanismos de subjetivação que estão ligados a ele.’ Há, dessa maneira, uma dimensão da metodologia (crítico-genealógica) que parte da ficção, que desenha linhas ficcionais entre a racionalização e a dessubjetivação, entre o nexos saber-poder e a sua fragilidade ou limite.” (BUTLER, 2001, p.15, minha tradução) De acordo com Butler, a repetição compulsória dos saberes fabulados faz com que o aspecto ficcional dos discursos seja obliterado ou disfarçado pela magnanimidade da lei, a qual apresenta a ficção histórico-filosófica como um código universal fundado em uma verdade absoluta. Em outras palavras, a reiteração acríica dos discursos nos impede de vislumbrar a pluralidade das linguagens que coexistem nas distintas circunstâncias espaço-temporais e, sendo assim, de praticar a identidade como um repente criativo ou performático que não precisa se ater aos limites da razão universal. Para Butler, “o sujeito não é *determinado* pelas regras por meio das quais é gerado porque a significação *não é um ato fundante, mas sim um processo regulatório de repetição* que esconde a si mesmo e reforça as suas próprias regras precisamente através da produção de efeitos de substancialização.” (BUTLER, 2002, p.185, minha tradução, *grifo meu*; cf. também a subseção 2.3.2 *A ficção*, do segundo capítulo da presente tese).

identidade por outra. Ela *reflete* a identidade masculina precisamente por corresponder ao lugar de sua ausência.” (BUTLER, 2002, p.50, minha tradução) No contexto do patriarcado, a maternidade e o matrimônio exprimem a condicionalidade das mulheres ao protagonismo político-social dos homens, pois a mãe e a noiva não constituem autarquicamente suas identidades femininas, mas correspondem a instrumentos manuseados pelos homens que buscam fortalecer a imagem pública de suas linhagens através da realização de estratégicas amizades masculinas. Segundo a lei do patriarcado, as mulheres concernem aos objetos que instituem a relação de reciprocidade entre os homens, a qual – cito Butler – “é a condição de uma relação radical de não-reciprocidade entre homens e mulheres e de uma relação, por assim dizer, de não-relação entre mulheres.” (Ibidem, p.53, minha tradução) Logo, o patriarcado parece operar de maneira a distinguir entre o estatuto público da amizade e a dimensão privada do amor. Por um lado, a amizade condiz à relação horizontal entre os chefes de família; por outro lado, o amor reúne, numa única e mesma fórmula, (1) a diferenciação *simétrica* entre o corpo do homem e o corpo da mulher e (2) a instrumentalização *hierárquica* deste objeto feminino por aquele sujeito masculino, visto que a organização econômica do matrimônio se articula, sob a chave da misoginia, à dialética do senhor e do escravo. O amor pelas mulheres é vivenciado como a apropriação de um objeto matrimonial que assegura a reprodução e intermedeia a instituição de amizades masculinas, demasiado masculinas.

A partir disso Butler explica que a configuração psicanalítica do bom funcionamento do desejo subjetivo se atrela ao cenário biológico-patriarcal sobre o qual o amor moderno é performado. A aparência universal do discurso da psicanálise provém da mistura entre o saber médico-científico e o saber filosófico-antropológico, porém é interessante apontar que a eficácia prática da linguagem psicanalítica também depende da moralização do desejo, isto é, o caráter terapêutico da psicanálise residiria na delimitação da salubridade e da decência do desejo a ser liberado pelo sujeito amoroso. Conforme Butler, podemos afirmar que a parametrização psicanalítica do mundo interior se institui através da criação de uma estrutura de significação que deve ser mobilizada como o fundamento do desejo amoroso. (BUTLER, 2002, pp.56-57) Com base nisso, parece que este símbolo pré-ontológico da psicanálise precisaria arcar com a

morte de Deus, ou melhor, precisaria desbancar, por meio da invenção de um símbolo tão inacessível quanto o divino, o discurso nietzschiano anunciado pelo homem louco – cito Nietzsche: “‘Procuro Deus! Procuro Deus!’ [...] ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! *Nós o matamos* – vocês e eu. Somos todos assassinos!” (NIETZSCHE, 2012, *Aforismo 125*, p.137) Ora, parece que com a morte de Deus as identidades atreladas aos códigos universais baseados na transcendência divina foram subvertidas, ou seja, a morte de Deus abriria espaço para a experiência da morte de um si mesmo determinado pelos deveres e interdições legitimados pela codificação pastoral e inquisitória, ligada à simbologia cristã da divindade. A mortificação das identidades constituídas à imagem e semelhança de Deus conduziria à criação de uma anatomia profana que se multiplicaria pela incitação às práticas autárquicas e às reflexividades críticas. (FOUCAULT, 2001, nº 339, p.1393) Estas, por sua vez, implicariam a sensação paradoxal de um prazer que não advém da supressão total da dor, mas do esforço vinculado à transformação ética de si. No contexto em que o Outro deixa de ser simbolizado pela figuração transcendental de Deus, a psicanálise parece emergir como a ciência que buscaria salvar os amantes desestruturados pela morte do divino. Parece que, em seu limiar patriarcal, a psicanálise se interessara pela cura da estrutura psíquica da consciência melancólica do homem dócil e da mulher viril, já que estes sujeitos teriam surgido no intervalo da morte de Deus e não teriam sentido a Sua falta, rendendo-se, num impulso criativo, à experiência dos amores lascivos e à constituição de identidades desviantes. Esta falta precisaria ser elaborada como culpa, ou seja, como luto pela morte do Outro. Para tanto, fez-se necessário transferir o amor que este sujeito sentia por Deus a um outro objeto que não o si mesmo aberto a transgressões possíveis. O amor-próprio do melancólico desviante deve ser curado pela introdução de um Outro capaz de ratificar e retificar as verdades divinas concernentes ao binarismo anatômico dos corpos de mulheres e homens. Assim, o Falo teria aparecido como o símbolo do objeto que restabeleceria a continuidade entre o sexo, o desejo e o gênero sob a luz da lei do patriarcado, de maneira a sedimentar o amor moderno na heteronormatividade.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A substituição de Deus pelo Falo parece ser percebida por aquelas cujos desvios a psicanálise visa curar, ou seja, tal ratificação e retificação simbólica parece ser compreendida pela obsessiva que degrada a arquitetura patriarcal ao confrontar o narcisismo masculino através da subversão do desejo e da transgressão do prazer. Talvez seja por este motivo, por esta astúcia perceptiva, que irrompem em sua

Conforme Butler, o Falo carrega o peso da tradição binária, patriarcal e moralizante difundida pela filosofia, pela antropologia, pela ciência e pela religião. Portanto, o Falo ainda corresponde a um símbolo inventado e aplicado por uma perspectiva heterossexual masculina que busca se absolutiza através da proibição da diferença atrelada à subversão e à transgressão dos amores femininos e dos amores gays – cito Butler: “[...] nós podemos entender esta conclusão [acerca da estruturação fálica do amor, que conduz à observação lacaniana do estatuto assexual da lésbica e do estatuto pervertido do gay] como sendo um resultado necessário que se segue de um ponto de vista observacional masculino e heterossexual, o qual concebe a sexualidade lésbica [por exemplo] como a recusa da sexualidade *per se* porque a sexualidade é presumida como heterossexual e porque o observador, aqui construído como o macho heterossexual, é claramente recusado.” (BUTLER, 2002, p.63, minha tradução) Talvez possamos afirmar que a novidade do símbolo fálico em relação ao Deus recém assassinado se vincule ao fato de que a psicanálise, diferentemente das doutrinas cristãs, não busca purificar o desejo por meio de atos confessionais que expurgariam os pecados da carne, mas sim elaborar o desejo subjetivo a partir da normalização da melancolia estruturada, a qual concerne a um estágio psíquico que garantiria a adequada liberação das pulsões amorosas, na medida em que, segundo Butler, a heterossexualidade resultaria da perda não elaborada da possibilidade do desejo homossexual. Como afirma Foucault, enquanto a fórmula do amor cristão – eu o cito – “coloca o acento sobre o desejo na tentativa de suprimi-lo” (FOUCAULT, 2001, nº 326, p.1219, minha tradução), por outro lado, a fórmula do amor moderno realça o desejo na tentativa de reiterar a heteronormatividade sob o viés da liberação, ou seja, podemos e devemos liberar o desejo, desde que ele seja heterossexual. Parece que a psicanálise salvaria o amor da luxúria ensejada pela morte de Deus ao patologizar a psiquê dos indivíduos que vivenciam a multiplicidade dos prazeres na recusa do Outro, ou melhor, na perda da normatividade do desejo que afirma a heterossexualidade e simultaneamente condena outras formas de amor.<sup>8</sup> A

---

psiquê “algumas fantasias sacrílegas nas quais a figura do Cristo, até mesmo o seu próprio falo, são pisoteados, de onde surge para a paciente uma aura erótica percebida e confessada.” (LACAN, 2010, p.306).

<sup>8</sup> A psicanálise naturalizaria a psiquê do heterossexual que libera um desejo pudico, o qual, ao invés de incitar o prazer, causa a ansiosa nostalgia relativa à *jouissance* experienciada naquele passado, ainda porvir, vislumbrado pelo *homem louco* que suicidara o si mesmo constituído à imagem e semelhança de

partir de Butler, talvez possamos afirmar que a liberação do desejo heterossexual dispensa os prazeres transgressivos quando interdita, a fim de garantir a salubridade dos sujeitos amorosos, outros tipos de desejo. Neste caso, os amantes direcionam seus olhares ao Falo e o incorporam sob a forma mascarada do *ser* ou sob a forma narcísica do *ter*.<sup>9</sup> O sujeito que ama elabora a consciência de sua identidade de gênero na medida em que internaliza o Símbolo que rege o objeto do seu desejo. A salubridade mental dos amantes dependeria da incorporação do Falo, isto é, dependeria (1) da afirmação do amor reprodutivo e hierárquico entre pessoas simetricamente distintas no que tange à disposição anatômica de seus órgãos sexuais, e (2) da renúncia dos prazeres atrelados à transgressão gay ou feminina/feminista em relação ao desejo pudico, dado que – cito Butler, “a identidade heterossexual se conquista pela incorporação melancólica do amor que renuncia: o homem que insiste na coerência de sua heterossexualidade afirmará que nunca amou outro homem [...]” (BUTLER, 1997, p.139) A identidade heterossexual parece ser instituída através da fusão do si mesmo com o Falo, de tal modo que as mulheres se fundem aos homens e os homens se fundem a si mesmos, visto que a linguagem fálica imita a reciprocidade patriarcal entre os homens, a qual se constitui pela não reciprocidade entre homens e mulheres e pela relação de não-relação entre mulheres.

Assim, de acordo com esta nova simbologia, a disposição natural do desejo feminino estaria orientada àquilo que as mulheres não *têm*, ao passo que a disposição natural do desejo masculino estaria orientada à rerepresentação daquilo que os homens *têm*. Isso significa que a feminilidade é elaborada pela incorporação de uma máscara fálica, ou seja, na matriz heterossexual o gênero feminino é instituído como um objeto

---

Deus. “Embora alguém possa argumentar que para Lacan a repressão cria o reprimido através da proibição e da lei patriarcal, este argumento não leva em consideração a prevalência da nostalgia para a perda completa da *jouissance* [...]. De fato, a perda poderia não ser entendida como uma perda, a menos que a própria irrecuperabilidade daquele prazer não tenha designado um passado que é barrado do presente pela lei proibitiva.” (BUTLER, 2002, p.71, minha tradução).

<sup>9</sup> Sobre a estruturação fálica do amor, Lacan explica o seguinte: “Se vocês lerem Abraham, vão encontrar esta expressão, *Die Objekt-Partielliebe*, o amor parcial do objeto. O que é o objeto desse amor, o objeto mais que exemplar, o único e verdadeiro objeto, ainda que outros possam se inscrever na mesma estrutura, é o falo. [...] O amor parcial do objeto, o que significa isso para Abraham? [...] É justamente o amor prestes a aceder ao objeto normal, o amor do outro sexo, o amor implicado nesse estágio capital, estruturante, estrutural, a que chamamos estágio fálico, é justamente o amor do outro [...]” (LACAN, 2010, p.461).

que representa a subjetividade daquele que *tem o falo*. A feminilidade heterossexual é significada pela demanda da subjetividade masculina, já que a mulher é constituída como um sujeito de desejo quando objetificada em razão do falo que lhe falta.<sup>10</sup> De acordo com a linguagem patriarcal da psicanálise, o olhar que a mulher possui sobre si mesma seria engendrado pelo olhar masculino do Outro, de tal modo que a mulher se conceberia como um objeto de desejo cujo destino corresponderia à confirmação da virilidade masculina por meio do matrimônio e da maternidade. Diferentemente, o olhar que o homem possui sobre si mesmo seria produzido por meio da perspectiva mascarada que o representa, ou melhor, pelo ponto de vista da mulher que reflete em seu olhar a imagem masculina daquele que a cobiça.<sup>11</sup> Talvez possamos admitir que a constituição da consciência masculina é narcísica, pois o homem heterossexual só consegue – ou só deve – amar a mulher que carrega sobre si, em seu olhar mascarado, o espelho fálico. Como explica Butler – eu a cito:

Diz-se que as mulheres são o Falo no sentido de que elas mantêm o poder de refletir ou de representar a “realidade” auto-fundamentadora do sujeito masculino; esse poder, se fosse abandonado, romperia com as ilusões fundamentais da posição do sujeito masculino. A fim de “ser” o Falo, aquilo que reflete e garante uma aparente posição do sujeito masculino, as mulheres devem se tornar, devem “ser” (no sentido de que elas devem agir “como se elas fossem”) precisamente o que os homens não são e, nisso que muito lhes falta, elas devem estabelecer a função essencial dos homens (BUTLER, 2002, p.58, minha tradução).

<sup>10</sup> Conforme Lacan: “Se nos é preciso, nesse sentido, ligar-nos a alguma evidência, tomemos então a imagem que se pode dizer erigida no auge da fascinação do desejo, aquela que se renova com a mesma forma do tema platônico no pincel de Botticelli – o nascimento de Vênus, Vênus Afrodite, Vênus saindo das ondas, corpo erigido acima das vagas do amor amargo. Vênus – ou, tanto faz, Lolita. O que nos ensina, a nós, analistas, essa imagem? Soubemos identificá-la bem na equação simbólica, para empregar o termo de Fenichel, *Girl = Phallus*. [...] Ali onde vemos simbolicamente o falo, é justamente onde ele não está. Ali onde nós o supomos sob o véu, ali onde ele está manifestado na ereção do desejo, é, neste esquema, do lado de cá do espelho. Se ele está ali diante de nós, no corpo fascinante de Vênus, é justamente na medida em que ele não está ali, debaixo. Enquanto essa forma é investida, no sentido em que dissemos há pouco, de todos os atrativos, de todos os *Triebregungen* que a delimitam por fora, o falo está, com sua carga, do lado de cá do espelho, no interior do recinto narcísico. É por isso que, ali onde ele está, é também ali onde ele não está.” (LACAN, 2010, p.471) Então, “poderíamos dizer que a mulher é sem *tê-lo*. O que pode ser vivido muito penosamente sob a forma do *Penisneid* [...]” (*Ibidem.*, p.289, grifo meu); e por outro lado, é preciso que o homem “esteja sob o modo do *ter*, que ele não *seja*, ele também, sem *tê-lo* [...]” (*Ibidem.*, p.290, grifo meu).

<sup>11</sup> “[...] o sujeito masculino que ‘tem’ o Falo requer este Outro para confirmar e, assim, ser o Falo em seu sentido ‘extensional’.” (BUTLER, 2002, p.56, minha tradução).

A comunhão heteronormativa entre o *ser* e o *ter* parece se atrelar à docilidade feminina e à virilidade masculina, ambas fabricadas e mantidas pelo limite da culpa, sentimento que impede a vivência dos prazeres transgressivos, pois a perda relativa a outras possibilidades de desejo, no caso da melancolia estruturada, é recusada como perda e assimilada como desvio moral. No que tange à matriz heterossexual, as mulheres devem sacrificar a possibilidade de uma constituição distinta de seus desejos e de sua própria subjetividade em razão da objetificação masculina, enquanto os homens devem garantir a manifestação da virilidade, que atesta o seu potencial reprodutivo, pela negação de outras formas de amar.<sup>12</sup> Nesse sentido, os homens se nutrem das bajulações femininas e as mulheres das interjeições masculinas, de tal modo que a tentativa de amar se torna um ensaio angustiante marcado pelas cláusulas do casamento moderno. Assim, estes que detestam a angústia causada pelo desejo pudico e que astuciosamente desbravam aquilo que poderia ser sentido para além do amor sedimentado na heteronormatividade passam a preocupar o bem-estar da civilização. A melancolia feminina/feminista e a melancolia gay resultariam da recusa do binarismo fálico a partir do qual se estabelece a diferença entre o *ser* e o *ter*, isto é, da recusa da elaboração normativa do desejo heterossexual. Do ponto de vista heteronormativo, a melancolia desviante romperia com a decência do Falo e, abandonando sua estrutura, reintegraria a luxúria vivida pelo louco que anunciara a morte de Deus. Logo, os amantes astuciosos teriam se tornado inimigos fálicos ou inimigos públicos que deveriam ser detidos por uma culpa semelhante àquela vivida pelos sujeitos subservientes a Deus. Dessa maneira, a psicanálise parece ter contribuído, em seu limiar patriarcal, para a normalização da melancolia estruturada, a qual é responsável pela arquitetura do desejo heterossexual e, portanto, pela negação da perda da possibilidade de outras formas de amar. Ademais,

---

<sup>12</sup> Parece existir uma relação entre o sacrifício e o canibalismo da comunhão, tal que pensado por Lacan. Não sei elucidar plenamente este vínculo, mas aquela que se sacrifica parece se oferecer ao consumo daquele por quem ela se sacrifica. Talvez seja por meio do sacrifício que “o sujeito vem se situar no cardápio do canibalismo que, todos sabem, nunca está ausente de qualquer fantasia de comunhão. Leiam, a respeito, um tratado daquele autor de que lhes falo ao longo dos anos, numa espécie de retorno periódico, Balthasar Gracián. [...] Trata-se aqui de seu tratado sobre a comunhão, *El Comulgatorio*, que é um bom texto, no sentido em que nele se revela algo raramente confessado – as delícias do consumo do corpo de Cristo são ali detalhadas, e pedem-nos que nos detenhamos naquela bochecha excelente, naquele braço delicioso, dispenso-o da continuação onde a concupiscência espiritual se prolonga, revelando-nos assim aquilo que permanece sempre implicado nas formas, mesmo as mais elaboradas, da identificação oral.” (LACAN, 2010, p.269-270).

ela também teria contribuído para a patologização da melancolia criativa, processo crítico que se atrela à recusa do símbolo fálico.<sup>13</sup>

As considerações de Butler sobre a linguagem patriarcal da psicanálise mostram que o amor é melancólico, a saber, o amor pode conduzir tanto à renúncia de si mesmo como à recusa do Outro. Por um lado, a melancolia amorosa pode levar à mortificação da criatividade crítica de si; por outro lado, a melancolia amorosa também pode desencadear a mortificação do *eu* que havia sido elaborado sob a demanda do Outro, compreendido aqui como o plano normativo dos códigos e das normas socialmente aceitáveis. A mortificação do *eu* que introjeta o Outro favoreceria a vitalidade das capacidades criativas do si mesmo, as quais são interdidas por uma sociedade que as concebe como fonte de atos perversos e desviantes. Segundo Butler, a resignação dos sujeitos ao destino prescrito pela heteronormatividade psicanalítica não lhes garante uma recompensa prazerosa, mas os remonta – cito Butler, “à relação torturante entre o Deus do Velho Testamento e aqueles servos humilhados que ofereciam a própria obediência sem recompensa. Tal sexualidade incorpora na atualidade este impulso religioso na forma da demanda por amor.” (BUTLER, 2002, p.72, minha tradução) Para Butler, o amor elaborado por essa linguagem estruturada através da lei do patriarcado

---

<sup>13</sup> A partir de Freud, Lacan rapidamente explica, ao final do *Livro 8 – A transferência*, a diferença e a congruência entre o luto e a melancolia: “Freud insiste muito sobre o que está em questão – o luto consiste em identificar a perda real, peça por peça, pedaço por pedaço, signo por signo, elemento grande I por elemento grande I, até o esgotamento. Quando isso está feito, acaba. Mas o que dizer se esse objeto era um pequeno *a*, um objeto de desejo? O objeto está sempre mascarado por trás de seus atributos, é quase uma banalidade dizer isso. Como é evidente, a coisa só começa a ficar séria a partir do patológico, isto é, da melancolia. O objeto está ali, coisa curiosa, muito menos apreensível por estar certamente presente, e por deslanchar efeitos infinitamente mais catastróficos, já que eles chegam até o esgotamento daquilo a que Freud chama o sentimento mais fundamental, o que os apega à vida. É preciso acompanhar esse texto [*Déuil et mélancolie* (2011b)] e entender ali o que Freud nos indica de uma certa decepção, que ele não sabe definir, mas está lá. Que traços se deixam ver de um objeto tão velado, mascarado, obscuro? O sujeito não pode investir contra nenhum dos traços daquele objeto que não se vê, mas nós analistas, na medida em que acompanhamos esse sujeito, podemos identificar alguns deles, através daqueles que ele visa como sendo suas próprias características. *Nada sou, não sou mais que um lixo*. Reparem que não se trata nunca da imagem especular. O melancólico não diz a vocês que ele tem má aparência, ou uma cara feia, ou que é corcunda, mas sim que é o último dos últimos, que acarreta catástrofes para toda a sua parentela etc. Em suas autoacusações ele está inteiramente no domínio do simbólico. Acrescentem aí o ter: ele está arruinado. [...] Só farei indicar hoje a vocês, designando-lhe um ponto específico que é no meu entender, ao menos por ora, um ponto de concorrência entre o luto e a melancolia. Trata-se do que vou chamar, não de luto, nem de depressão por conta da perda de um objeto, mas um remorso de um certo tipo, desencadeado por um desenlace que é da ordem do suicídio do objeto. Um remorso, portanto, a propósito de um objeto que entrou, de algum modo, no campo do desejo e que, por sua ação, ou por qualquer risco que correu na aventura, desapareceu.” (LACAN, 2010, pp.480-481).

retoma alguns elementos dos flagelos religiosos, pois reitera a obediência, o sacrifício e o sofrimento de todos os indivíduos que, permanecendo incondicionalmente fiéis ao Falo, jamais atingem a perfeição heterossexual, a qual continua, entretanto, a funcionar como um horizonte transcendental de normalidade a ser constantemente reiterado e vigiado.

A partir disso, talvez seja possível afirmar que a obediência ao Falo visa compensar as frustrações e os enfados dos amores modernos pela promessa da salubridade mental e física. Logo, o drama do amor moderno começaria pelo sacrifício da criatividade crítica de si mesmo: a dimensão criativa do si mesmo é aniquilada (ou se aniquila) na expectativa de que o Falo, afirmado como o paradigma normativo atual, seja incorporado como a consciência do *eu*. Em outras palavras, o si mesmo renuncia à possibilidade de uma experiência afetiva criativa em virtude da internalização do modelo heteronormativo que vigora na sociedade. Por medo da insalubridade e de represálias médico-jurídicas, o si mesmo renuncia à sua criatividade e repete os costumes que vigem na cultura legitimada pela racionalidade fálica.

Como mostra Butler, os recursos metafóricos da psicanálise nos remetem às simbologias religiosas. Todavia, a renúncia cristã concernente à constituição criativa de si mesmo parece se distinguir da renúncia psicanalítico-patriarcal, visto que esta não conduz à elaboração de um amor universal fundado na supervalorização moral da alma em relação ao corpo. Para Butler, o Falo corresponde ao símbolo que enseja a modelação do corpo e a orientação do desejo, ao passo que Deus, segundo Foucault, consistiria no símbolo por meio do qual o corpo é purificado e os desejos são expurgados. Mais precisamente, para Foucault a purificação cristã do corpo se estabelece através da diferenciação entre – eu o cito – “os movimentos da alma e aqueles que se seguem da libido.” (FOUCAULT, 2001, nº 295, p.995, minha tradução) No cristianismo a renúncia de si tem como finalidade a elaboração de uma consciência agraciada capaz de experimentar o amor divino. Sendo assim, a renúncia da constituição autárquica de si mesmo visa a essencialidade da identificação entre a razão humana e a razão divina, processo responsável pelo exercício de autoridade da alma sobre o corpo. Isso significa que para o cristianismo o desejo é purificado quando a libido é subsumida à procriação e quando a verdade da vontade é desvelada como o amor incondicional por Deus. A

renúncia às luxúrias da carne se sucede em virtude da decifração da natureza da vontade humana – cito Foucault: “quanto mais descobrimos a verdade sobre nós mesmos, mais nós devemos renunciar a nós mesmos.” (Ibidem, p.991, minha tradução) Dito de outro modo, os desejos são acrisolados para que a verdade da vontade se manifeste e prevaleça sobre as tentações demoníacas. A consciência do *eu* se institui por meio da introjeção do olhar divino e o amor passa a ser vivenciado como uma experiência universal, ou seja, o amor por si mesmo e pelos outros passa a ser concebido como o amor absoluto pelo Ideal divino e por seus valores eternos.

Diferentemente, a renúncia psicanalítica da criatividade do si mesmo não acontece em razão da supervalorização moral da alma e da naturalização do amor universal, mas sim em virtude da normalização do amor heterossexual e da padronização do feminino e do masculino. O amor heterossexual deixa de ser uma manifestação da graça divina e passa a ser uma realidade imanente justificada por uma entidade que se articula à consciência através das figurações sociais da mãe e do pai, as quais, ao invés de habitarem o reino dos fins, participam da população e do Estado que a rege. A linguagem patriarcal da psicanálise ratifica e retifica Deus quando o retoma sob a forma do Falo, o qual passa a operar como um fundamento psíquico e social que estrutura a harmonia entre as demandas jurídicas da esfera pública e a salubridade da vida privada ou da intimidade erótico-conjugal. Por isso, a culpa atrelada à submissão ao Falo operaria da mesma forma que a culpa relativa à subserviência a Deus. Nestes casos, o sentimento de culpa parece se configurar como um instrumento de controle que, desde o interior do sujeito, age de modo a inibir a liberdade estética do desejo e do amor que dele se segue.

### **Uma breve conclusão: sobre nossa ambivalência**

Precisamos, com efeito, nos livrar desta culpa fálico-cristã, mas nem tudo é tão simples assim, pois como explica Butler, em nosso eu, o humor melancólico varia: ora ele é proeminentemente oblativo, ora proeminentemente criativo. Esta vacilação provoca e é provocada pelos diferentes aspectos que nos atravessam e que nos constituem. Então, para que possamos nos livrar deste tipo de culpa e, assim, nos

desidentificarmos do autoritarismo e da tirania do Falo que insiste em nos censurar desde o interior de nós mesmas, precisamos – cito Butler: “[...] encontrar um modo de viver e de agir com a ambivalência – um modo no qual a ambivalência seja entendida não como um impasse, mas como uma partilha interna que clama por uma orientação ética e prática.” (BUTLER, 2020, p.172, minha tradução)

Quando afirmamos a ambivalência que nos constitui e que se atrela aos processos de identificação e des-identificação do si em relação ao Outro, somos capazes de dar ensejo ao exercício crítico da reflexividade, o qual coloca em questão a culpa fálico-cristã. Nesse sentido, parece-me que, de acordo com Butler, é justamente a reflexividade crítica que dá uma orientação ética e prática para a ambivalência melancólica que nos atravessa.

Hoje, não abordarei a relação entre melancolia, crítica e ambivalência, pois este ainda é um assunto novo para mim, o qual pretendo desenvolver no decorrer de minhas pesquisas pós-doutorais. Mas, seja como for, por hora, o que podemos perceber é que a melancolia é um conceito chave para Butler, conceito que nos permite compreender os jogos entre o governo de si e o governo dos outros tanto no que tange à esfera social do poder, quanto no que se refere à sua vida psíquica. Por meio da melancolia, Butler nos mostra que nossa intimidade é mais frágil do que imaginávamos, já que nossa topografia interna está imbricada à esfera social que a circunda; contudo, por meio da melancolia, Butler também nos mostra que nossa intimidade é mais potente do que poderíamos conceber, pois a revolta muitas vezes irrompe de dentro de nós mesmas, emerge como um surto melancolicamente criativo, ou maníaco, que pergunta: como amar, como amar diferentemente, não deste modo, não por isto, não por eles?

Muito obrigada!<sup>14</sup>

## Referências

BUTLER, J. **Gender Trouble: feminism and subversion of identity**. London: Taylor &

---

<sup>14</sup> Agradeço imensamente a Comissão Executiva da Revista Sociologias Plurais pela cuidadosa transcrição de minha fala.

Francis e-Library, 2002.

BUTLER, J. **Giving an Account of Oneself**. New York: Fordham University Press, 2005.

BUTLER, J. “Can one lead a good life in a bad life?”. **Radical Philosophy**, 2012. Disponível em: <<https://www.radicalphilosophy.com/article/can-one-lead-a-good-life-in-a-bad-life>>. Acesso em: março de 2018.

BUTLER, J. “What is Critique? An Essay on Foucault’s Virtue”. **Transversal**, 2001. Disponível em: <<https://eipcp.net/transversal/o8o6/butler/en.html>>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2017.

BUTLER, J. **The force of non-violence**. New York: Verso Books, 2020.

BUTLER, J. **The psychic life of power: theories in subjection**. California: Stanford University Press, 1997.

FOUCAULT, M. «À propos de la généalogie de l’éthique: un aperçu du travail en cours». In: \_\_\_\_\_. **Dits et Écrits II**. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001, n° 326, pp. 1202-1230.

FOUCAULT, M. **Qu’est-ce que la critique**; La culture de soi. Paris: Vrin, 2015b.

FOUCAULT, M. «Qu’est-ce que les Lumières?». In: \_\_\_\_\_. **Dits et Écrits II**. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001, n° 339, pp.1381-1397.

FOUCAULT, M. «Sexualité et solitude». In: \_\_\_\_\_. **Dits et Écrits II**. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001, n° 295, pp.987-997.

FREUD, S. “A cabeça de Medusa”. **Clínica & Cultura**, tradução de Ernani Chaves, Sergipe, vol.2, 2013, pp.91-93.

FREUD, S. “A feminilidade”. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas volume 18 (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. “A organização genital infantil”. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas volume 16 (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, S. **Deuil et mélancolie**. Trad: Aline Weill. Paris: Payot & Rivages, 2011b.

FREUD, S. “O Eu e o ID”. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas volume 16 (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011c.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011c.

FREUD, S. **Pour introduire le narcissisme**. Trad: Olivier Mannoni. Paris: Payot &

Rivages, 2012.

LACAN, J. “A significação do falo”. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 8: A Transferência**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NIETZSCHE, F. **A Gaia e a Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

# **SOBRE A CAPA**



*CriOnça: retalhos de uma infância selvagem*

Lucia Guerra

Bordado em Fotografia com meada de algodão, meada metálica e fibra capilar

29,7 x 21 cm

Fotografias todas resgatadas de álbuns de infância da autora

2021

# Infância Selvagem

Lúcia Guerra<sup>1</sup>

Criança é o nome dado a filhote de bicho gente. Quando suas crias nascem, os adultos as classificam: menino ou menina. Filhote de bicho gente já começa desde pequeno a aprender a dividir e a classificar.

Diferenciam suas crias, pois não sabe amar sem limitar. E eles tecem as mais tristes mentiras para que aprendam que só podem existir dentro desses rótulos; logo, crescem privadas da real liberdade, tendo suas imaginações controladas.

Adultos acreditam que sua função é ensinar as crianças a andar no caminho “certo”, para que, quando envelhecerem, não se desviem dele.

Nem todo mundo nasce criança. Eu, por exemplo, nasci criOnça. Você sabia que Onças são animais que sobrevivem parte do tempo andando nas mais altas árvores?

Me disseram “não senta desse jeito”, então me levantei e corri. Também me disseram “desce daí e para de arte”, então cresci e tenho usado da arte para subir nos mais altos galhos.

CriOnça é o nome dado aos filhotes de bicha trava. Esses pequenos seres que não se submetem. Seres ligeiros, perguntadores que não acreditam em qualquer adulto.

Nem menino, nem menina, muito menos desviada. Eu sempre fui transviada e a minha infância foi infância de filhote de bicha trava. Acho que é por isso que eu desde pequena, fui ligeira. Acho não, melhor. Eu tenho certeza.

---

<sup>1</sup> Lúcia Guerra é estudante do curso de Pedagoga da UFPR, colagista e artista têxtil. Contato: lucigrra@gmail.com.